

CHARLES RIVER EDITORS

The background of the cover is a photograph of an ancient Egyptian wall painting. On the right, a woman is depicted in profile, facing left. She has a large, white, fan-shaped headdress (wesekh) and is wearing a dark, patterned garment. To her left, there is a vertical rectangular cartouche containing a falcon, a symbol of the god Horus. The wall is a light, yellowish-brown color with some visible texture and wear.

O REINO MÉDIO DO ANTIGO  
**EGIPTO**

a história e o legado da reunificação do Egito e da civilização egípcia

**O reino médio do antigo Egito: a história e o legado da  
reunificação do Egito e da civilização egípcia**

**Por Charles River Editors**



**A imagem de Berthold Weiner da Pirâmide de Djoser**



## Sobre Charles River Editors



**Charles River Editors** é uma editora digital especializada em trazer a história de volta à vida com livros educativos e envolventes sobre uma ampla gama de tópicos. Mantenha-se atualizado com as nossas ofertas novas e gratuitas [em menos de 5 segundos inscrevendo-se nesta lista de inscrição](#), e visite [página de Autores Kindle](#) para ver outros títulos recém publicados no Kindle.

Fazemos esses livros para você e sempre queremos saber as opiniões de nossos leitores, por isso, incentivamos você a deixar avaliações e esperamos publicar novos e interessantes títulos todas as semanas.



## Introdução



**Um busto de um rei do Egito**

A África pode ter dado origem aos primeiros seres humanos, e o Egito provavelmente deu origem às primeiras grandes civilizações, que continuam a fascinar as sociedades modernas em todo o mundo quase 5.000 anos depois. Da Biblioteca e Farol de Alexandria à Grande Pirâmide de Gizé, os antigos egípcios produziram várias maravilhas do mundo, revolucionaram a arquitetura e a construção, criaram alguns dos primeiros sistemas de matemática e medicina do mundo e estabeleceram a linguagem e a arte que se espalham pelo mundo. mundo conhecido. Com líderes mundialmente famosos como o rei Tut e Cleópatra, não é de admirar que o mundo de hoje tenha tantos egiptólogos.

O que torna ainda mais notáveis as conquistas dos antigos egípcios é que o Egito era historicamente um lugar de grande turbulência política. Sua posição tornou-a valiosa e vulnerável para as tribos do Mediterrâneo e do Oriente Médio, e o Egito Antigo não teve escassez de sua própria guerra interna. Seus conquistadores mais famosos viriam da Europa, com Alexandre, o Grande, lançando as bases para a linha helênica de Ptolomeu e os romanos extinguindo essa linha depois de derrotar Cleópatra e levá-la ao suicídio.

Talvez o aspecto mais intrigante da antiga civilização egípcia tenha surgido desde o início, já que os antigos egípcios não tinham uma civilização anterior que pudessem usar como modelo. De fato, o antigo Egito se tornou um modelo para as civilizações que se seguiram. Os gregos e os romanos ficaram tão impressionados com a cultura egípcia que frequentemente atribuíam muitos atributos de sua própria cultura - geralmente erroneamente - aos egípcios. Com isso dito, alguns elementos secundários da cultura egípcia antiga foram, de fato, passados para civilizações posteriores. A estatuária egípcia parece ter tido uma influência inicial na versão grega, e a antiga língua egípcia continuou muito depois do período faraônico na forma da língua copta.

Embora os egípcios possam não ter passado sua civilização diretamente para os povos posteriores, os elementos-chave que compunham a civilização egípcia - sua religião, primeiras idéias de estado, arte e arquitetura - podem ser vistos em outras civilizações pré-modernas. Por exemplo, civilizações muito separadas no tempo e no espaço - como a China e a Mesoamérica - possuíam elementos-chave semelhantes aos encontrados no antigo Egito. De fato, uma vez que a civilização egípcia representava alguns conceitos humanos fundamentais, um estudo de sua cultura pode ser útil ao tentar entender muitas outras culturas pré-modernas.

Em discussões sobre o antigo Egito, o período conhecido como o Reino do Meio (ca. 2050-1700 aC) é frequentemente ignorado. Localizado cronologicamente entre o Velho e o Novo Reino, o Reino do Meio, à primeira vista, parece muito menos interessante do que esses dois reinos mais conhecidos. O Reino Antigo é conhecido por suas pirâmides, que

pontuam a paisagem do norte do Egito, e o Novo Reino por seus numerosos e imensos templos que podem ser encontrados ao longo do rio Nilo, desde o Delta até Abu Simbel. A percepção de que o Reino do Meio não era tão grande quanto o Velho e o Novo Reino é algo que não se sabe e a maioria dos egiptólogos argumenta que o Reino do Meio era tão grande quanto, se não maior, que os outros.

Parte do problema pode ser atribuída às características dos antigos e novos reinos mencionados acima, bem como ao fato de que os turistas e a maioria do público recebem a maior parte de suas informações sobre o Egito antigo a partir de publicações populares e documentários de televisão. A opulência e a grandeza dos templos, túmulos e pirâmides do Velho e do Novo Reinos, física e figurativamente, ofuscam todos os monumentos similares construídos durante o Império do Meio. Os egípcios continuaram a tradição do Antigo Reino de interverter seus reis mortos em pirâmides durante o Império do Meio, mas as estruturas eram inferiores em comparação e apenas fragmentos dos túmulos sobreviveram na era moderna. Além disso, embora tenham sido construídos templos para os numerosos deuses egípcios em todo o Reino do Meio, eles não se aproximaram do tamanho daqueles construídos no Novo Reino. Além disso, muitos templos, como o grande templo de Karnak, em Tebas, foram adicionados durante o Novo Império, deixando apenas um “núcleo” do Reino do Meio.

Apesar de não ter grandes monumentos físicos em comparação com os períodos anteriores e posteriores da história faraônica, no entanto, o Império do Meio é o período da história egípcia em que muitos aspectos da cultura egípcia atingiram suas alturas. Estudiosos modernos apontam para os numerosos textos escritos durante o Império do Meio, especialmente a prosa ficcional, como exemplos da grandeza do período. Esses mesmos estudiosos também apontam corretamente que os exemplos de literatura do Reino do Meio não são tão acessíveis ao público em geral, especialmente na língua original, e, portanto, são frequentemente negligenciados por documentários de televisão e publicações populares. Além dos avanços feitos na literatura, algumas das maiores esculturas egípcias produzidas na história faraônica vêm do Reino do Meio. Além disso, o império egípcio que hoje é associado ao Novo Reino começou, na verdade, com os grandes reis do Império do Meio.

[O reino médio do antigo Egito: a história e o legado da reunificação do Egito e da civilização egípcia](#)

[Sobre Charles River Editors](#)

[Introdução](#)

[A Formação do Estado Egípcio](#)

[O Colapso do Antigo Reino](#)

[O começo do reino médio](#)

[A Décima Segunda Dinastia e a Altura do Império Médio](#)

[Reis da Posterior Décima-Segunda Dinastia](#)

[A literatura e a religião do reino médio](#)

[O Colapso do Reino Médio](#)

[Fontes da Web](#)

[Bibliografia](#)

[Livros Gratuitos da Charles River Editors](#)

[Livros com Descontos Especiais da Charles River Editors](#)



## **A Formação do Estado Egípcio**

A maioria dos egiptólogos modernos vê as duas primeiras dinastias como separadas do que tradicionalmente é considerado o Reino Antigo (Shaw e Nicholson 1995, 89). A Primeira e a Segunda Dinastia são coletivamente conhecidas como o “Período Dinástico Inicial”, que é quando o Egito foi unificado sob um governo, mas muitas das características salientes da cultura faraônica ainda não haviam sido estabelecidas. O Período Dinástico Inicial é marcado por uma escassez de textos escritos e atividades de construção que não estavam nem perto do que aconteceu durante o Antigo Império. Com isso dito, uma breve pesquisa do Período Dinástico Inicial é vital para entender a importância do Reino Antigo.

O começo da civilização egípcia pode ser reduzido até por volta do ano 3100 aC. Foi nessa época que os egípcios do Alto e do Baixo Egito - as duas divisões geográficas tradicionais do Egito - foram unidos à força sob Menes, às vezes conhecido como Narmer. O catalisador para essa guerra de unificação é desconhecido, mas estudiosos modernos como Kuhrt acreditam que um aumento na aridez no deserto do Saara levou a movimentos populacionais no Vale do Nilo, particularmente ao redor da cidade de Hierakonpolis, conhecida no antigo Egito como “Nekhen” (Kuhrt 2010, 1: 132). Hoje, o Egito tem a aparência de um país culturalmente homogêneo, mas em 3100 aC, havia duas culturas distintas que habitavam o Alto e o Baixo Egito, respectivamente. As diferenças culturais são demonstradas por uma diferença marcante na cerâmica (Kuhrt 2010, 1: 130), que terminou não muito depois da marcha vitoriosa de Menes do Alto Egito para o Baixo Egito.

Embora os detalhes da campanha de unificação de Menes provavelmente nunca sejam totalmente conhecidos, um amplo esboço de eventos pode ser extraído de uma variedade de fontes diferentes. Talvez a representação mais visualmente impressionante da guerra de unificação de Menes seja a chamada “Narmer Palette”. A paleta, composta de siltstone e atualmente alojada no Museu Egípcio no Cairo, retrata o rei ferindo um inimigo com uma maça de um lado e dez cadáveres decapitados do outro (Shaw e Nicholson 1995, 196). O nome, "Narmer", é escrito foneticamente na paleta em escrita hieroglífica, o que torna o primeiro exemplo de escrita na

civilização faraônica e, possivelmente, na história do mundo. A paleta demonstra claramente que a unificação do Egito foi um processo violento que só poderia ter sido alcançado por um rei forte. Infelizmente, não há textos egípcios detalhando a unificação, mas há alguns relatos posteriores que podem ajudar a entender o processo.



### **A Paleta Narmer**

Contas dos historiadores clássicos do antigo Egito sempre devem ser vistas com uma certa dose de ceticismo, mas também podem ser fontes primárias inestimáveis quando usado em conjunto com outras fontes. Duas contas notáveis do mundo helênico se encaixam nessa categoria. A primeira vem do historiador egípcio Manetho do século 3 AC. Embora Manetho fosse um egípcio étnico, sua história do Egito foi escrita quando os gregos ptolemaicos governaram o Egito a partir da cidade grega de Alexandria. Apesar de a conta ter sido escrita tardiamente e sob influência grega, a história de Manetho no Egito é considerada geralmente confiável. Sobre o primeiro rei do Egito, Manetho escreveu: “Em sucessão aos Espíritos dos Mortos e dos Semideuses, os egípcios consideram que a

Primeira Dinastia é composta por oito reis. A primeira delas foi Mênês, que ganhou renome no governo de seu reino. Começando com ele, registrarei cuidadosamente as famílias reais, uma por uma: sua sucessão em detalhes é a seguinte: Mênês deste (a quem Heródoto nomeou Min) e seus sete descendentes. Ele reinou por 30 anos e avançou com seu exército além das fronteiras de seu reino, ganhando notoriedade por suas façanhas. Ele foi levado por um deus hipopótamo ”. (Manetho, *Aegyptiaca*, Fragmento 7.b)

Central para a conta de Manetho é o fato de que Menes foi o primeiro rei do Egito e que ele aparentemente ganhou a posição através da força. O historiador grego Diodorus também escreveu que Menes foi o primeiro rei, mas acrescenta que a atitude ostensiva do monarca feriu os egípcios a longo prazo: “Depois dos deuses, o primeiro rei do Egito, de acordo com os sacerdotes, era Menas, que ensinava o povo a adorar deuses e oferecer sacrifícios, e também se abastecer de mesas e sofás e usar roupas de cama caras e, em uma palavra introduziu o luxo e uma maneira extravagante de viver. e isso, de fato, parece ser a principal razão pela qual a fama de Menas e suas honras não persistiram em épocas posteriores ”. (Diodoro, *A Biblioteca da História*, I, 19, 45).



### **A cartela de Menes na Lista de Reis Abidos**

Uma vez que Menes unificou o Egito, as marcas da civilização egípcia começaram a se formar e o Período Dinástico Inicial gradualmente passou para o Reino Antigo. Entre os elementos culturais essenciais descobertos e / ou inventados pelos egípcios durante o período dinástico inicial e refinados no Reino Antigo, a escrita e a literatura foram duas das mais importantes. Muitos estudiosos da história mundial acreditam que escrever é um dos principais requisitos para uma cultura ser considerada uma civilização, porque uma vez que a cultura descobre a escrita, ela pode documentar transações burocráticas e econômicas, registrar sua história e crenças religiosas e copiar contos fictícios. outros tipos de gêneros escritos que as pessoas modernas considerariam “literatura”.

Alguns textos religiosos serão considerados mais abaixo, mas por enquanto a importância de um gênero literário conhecido como “sabedoria” ou “textos didáticos” deve ser considerada. Curiosamente, a maioria dos textos religiosos egípcios é desprovida de moralidade e ética, que foram inculcados em jovens egípcios através de textos didáticos. Um dos mais famosos desses textos é conhecido como "A Instrução de Ptahhotep". A única versão completa e existente da “Instrução” data do Reino do Meio, mas Lichtheim e outros egiptólogos acreditam que, devido à gramática e sintaxe distintas do texto, ela foi originalmente escrita na Sexta Dinastia do Antigo Império (Lichtheim 2006). , 62). Parte do texto diz:

“Se você é um homem que lidera,  
“Quem controla todo ato beneficente,  
“Que sua conduta possa ser inocente.  
“Grande é justiça, duradoura em efeito,  
“Incontestado desde o tempo de Osíris.  
“Um pune o transgressor das leis,  
“Embora o ganancioso negligencie isso;  
“A baixeza pode aproveitar riquezas,  
“No entanto, o crime nunca acaba com suas mercadorias;  
"No final, é a justiça que dura." (Lichtheim 2006, 64)

Outro texto do mesmo período repete a mesma mensagem básica, mas usa diferentes anedotas e analogias:

“Limpe-se antes dos seus (próprios) olhos,  
“Para que outro não te limpe.  
“Tome uma esposa saudável, um filho vai nascer você.  
“É para o filho que você constrói uma casa,  
“Quando você faz um lugar para você.  
“Faça a sua morada no cemitério,

“Faça digno sua estação no oeste.

"Dado que a morte nos humilha,

"Dado que a vida nos exalta,

“A casa da morte é para a vida.

"Procure por você mesmo campos bem regados."(Lichtheim 2006, 58)

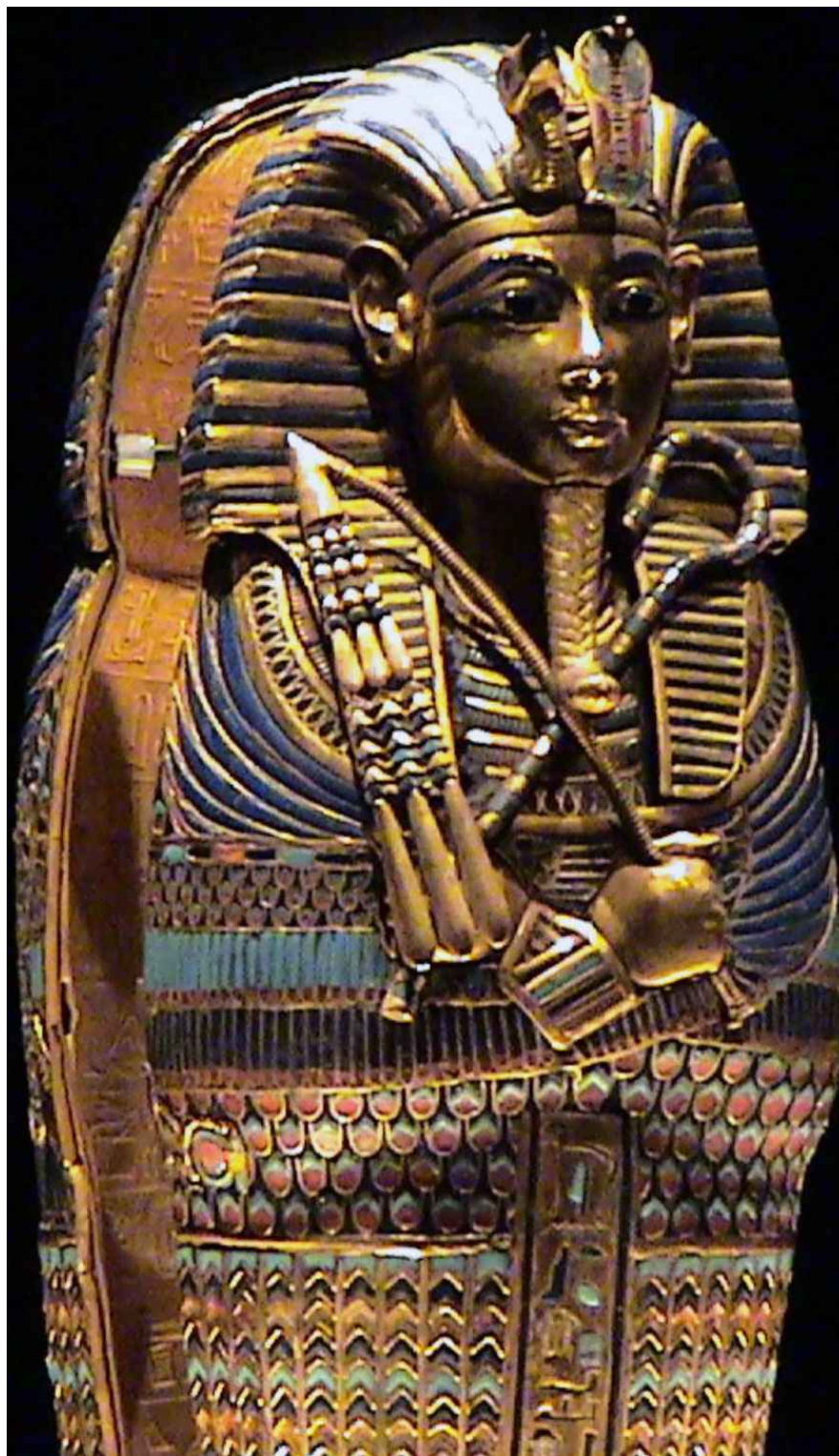
Esses textos didáticos forneceram a base moral e ética para os egípcios letrados, embora, sem dúvida, os mesmos textos fossem recontados oralmente pela vasta maioria da população egípcia que também era analfabeta.

A descoberta da escrita no antigo Egito teve efeitos duradouros que impulsionaram a cultura faraônica de uma cultura ribeirinha menor para uma civilização completa, mas foi seu conceito de realeza que a tornou única. A ideologia e o estilo que fizeram a realeza egípcia o que era podem ser rastreados até o Reino Antigo. O título, "Rei do Alto e do Baixo Egito", referindo-se ao estado fragmentado do Egito antes de Menes / Narmer ter completado sua guerra de unificação, foi escrito pela primeira vez no reino do Reino Antigo e continuou a ser usado em todos os períodos subsequentes da história faraônica (Kuhrt 2010, 1: 125). Mais tarde, durante a Quarta Dinastia do Antigo Império, a associação do rei com o deus-sol, Rá, foi incorporada ao real titulado como o “Filho de Rá”. (Kemp 2004, 72). Junto com o titular, os apetrechos associados com a realeza egípcia também foram desenvolvidos durante o Antigo Império.

O mais visível dos apetrechos era a coroa do rei, na verdade uma combinação de duas coroas - a coroa branca do Alto Egito e a coroa vermelha do Baixo Egito (Kuhrt 2010, 1: 125). Representações modernas e populares mostram muitas vezes o rei egípcio usando um cocar de tecido listrado, puxado para trás atrás das orelhas, conhecido como o pano de cabeça (Shaw e Nicholson 1995, 74). Na estatuária e nos relevos, o rei também é mostrado segurando um bandido, conhecido como o heka, e um mangual, ou nekhakha. O bandido era um cetro simbolizando o governo, enquanto o mangual provavelmente era originalmente um batedor de moscas associado a Osíris, deus dos mortos (Shaw e Nicholson 1995, 75).



**Um perfil lateral representando os nemes**



### **O caixão do rei Tut com o trapaceiro e o mangual**

Embora o titulary e os apetrechos reais fossem a expressão visível da realeza egípcia, era a ideologia da realeza divina que permeava todos os

aspectos da antiga sociedade egípcia. O rei possuía tecnicamente todas as terras do Egito, e as pirâmides do Antigo Império foram construídas pelo povo egípcio como testemunho da idéia de reinado divino. Na vida, o rei era associado ao deus do céu, Hórus, como o "Hórus vivo", que era a primeira parte do *titulary real* do rei. Na morte, o rei foi associado tanto a Osíris, o deus dos mortos, quanto ao deus-sol em suas várias manifestações: Ra, Atum, Amun ou uma combinação de qualquer um dos três. Além de viver uma vida de luxo, esperava-se que o rei egípcio mantivesse a ordem adequada de vida, conhecida pelos egípcios como "castrado" (Frankfort 1973, 51).

O conceito de realeza divina estabelecido durante o Antigo Império afetou diretamente o desenvolvimento do Egito neste e nos períodos subsequentes. Uma das maneiras pelas quais o conceito de realeza divina afetou diretamente os aspectos práticos da sociedade egípcia foi em sua estrutura de classes e na divisão da terra. Como dito acima, porque o rei era visto como um deus, todas as terras tecnicamente pertenciam a ele, mas isso não era necessariamente o caso na prática. O uso da terra e os recursos derivados dela foram divididos em três tipos de propriedades: terras de propriedade direta da coroa, terras administradas por "fundações piedosas" e terras nas mãos de particulares e sujeitas à tributação direta (Kemp 2004, 82).

A mais interessante e importante dessas divisões durante o Antigo Império foi aquela administrada por fundações piedosas. Bases piedosas eram essencialmente ordens religiosas que mantinham templos, especialmente os dos cultos de reis mortos. Os templos possuíam terras e funcionavam essencialmente como grandes fazendas e fazendas. As colheitas e os animais criados na terra faziam parte do rendimento do complexo do templo. Embora o Egito não tivesse moeda durante o Império Antigo, a renda era proveniente de arrendatários na forma de trigo para impostos. Sacerdotes e outros que mantinham uma determinada fundação eram pagos em trigo, que eles podiam trocar por outras mercadorias (Kemp 2004, 85). Inicialmente, os sacerdotes e outros funcionários que trabalhavam para as fundações piedosas eram provenientes de diferentes segmentos da sociedade, mas há evidências de que as posições gradualmente se tornaram hereditárias por natureza (Kuhrt 2010, 1: 140).

Uma fundação piedosa poderia ter grande impacto econômico em uma região ou em todo o reino. Kemp ressalta que o imenso número de pessoas necessárias para construir um complexo de pirâmides e templos no Antigo Império teria proporcionado grande estímulo econômico para a região, já que os trabalhadores precisariam ser servidos por artesãos. Os programas de construção propriamente ditos acabaram levando a novos avanços tecnológicos que poderiam, por sua vez, ser usados por outros segmentos da sociedade em geral, estimulando não apenas a economia nacional, mas também o avanço da própria civilização (Kemp 2004, 86-87).

A construção de templos durante o Reino Antigo para reis e outros deuses também levou ao aumento da importância dos centros regionais. A cidade do Delta de Heliópolis, Iunu no antigo Egito, ganhou importância regional, e depois do reino, quando se tornou o centro do culto do deus-sol Atum (Kuhrt 2010, 1: 143). Outra cidade que ganhou importância devido à existência de um importante culto foi Memphis, lar do culto do deus criador, Ptah (Kuhrt 2010, 1: 143). Além de abrigar o culto de Ptah, Memphis era o lar de quase dois milhões de pessoas durante o Império Antigo e era uma das cidades mais importantes do mundo na época.

Memphis se tornou uma das maiores cidades do mundo durante o período inicial do Antigo Império devido a uma combinação de razões religiosas e práticas. No auge do Império Antigo, durante os reinados dos reis da pirâmide da Quarta Dinastia, Memphis atingiu uma população de mais de 1,5 milhão de pessoas, um número fenomenal para a época (Lehner 2001, 7).



**Foto das ruínas do salão de Ramesses o Grande em Memphis**



### **Uma escultura antiga localizada em Memphis**

Embora Memphis tenha se tornado o centro do culto de Ptah, o local foi originalmente escolhido por razões mais práticas e estratégicas. O nome egípcio original de Memphis era Ineb Hedj Nuit, traduzido para o inglês como "a cidade das paredes brancas". Como o nome indica, Memphis era uma cidade fortificada, servindo como porta de entrada do Alto Egito para o Delta (Lehner 2001, 78). Memphis era a capital e local da residência real do Egito no Reino Antigo, tornando-se o local de necrópoles durante a Segunda Dinastia (Lehner 2001, 78-82).

Seguindo a religião egípcia, todos os enterros - reais e não-reais - ocorreram na margem oeste do rio Nilo, de modo que o espírito do falecido seria capaz de ver o sol nascer a cada dia. A necrópole foi expandida durante o Império Antigo e nos Reinos Médio e Novo até se tornar uma faixa de quatro milhas, situada fora da moderna cidade de Saqqara (Lehner 2001, 82).

Infelizmente, a maior parte da antiga Memphis foi construída em períodos subsequentes, resultando na falta de trabalho de campo feito na cidade. Por causa disso, os estudiosos modernos não têm ideia do tamanho ou da aparência do palácio real, mas fontes clássicas podem ajudar nesse sentido. Diodoro, que viveu enquanto Memphis ainda era uma cidade funcional, escreveu uma descrição bastante detalhada da cidade que pode ajudar a preencher algumas lacunas de conhecimento. “Uchoreus, fundou Memphis, a cidade mais famosa do Egito. Pois ele escolheu o local mais favorável em toda a terra, onde o Nilo se divide em vários ramos para formar o "Delta", como é chamado a partir de sua forma; e o resultado foi que a cidade, excelentemente situada como estava nos portões do Delta, controlava continuamente o comércio que passava para o alto Egito. Agora ele dava à cidade uma circunferência de cento e cinquenta stades, e tornava-a notavelmente forte e adaptada ao seu propósito por obras da natureza seguinte. Desde que o Nilo fluía pela cidade e a cobria no momento da inundação, ele jogou fora um enorme monte de terra no sul para servir como uma barreira contra o inchaço do rio e também como uma fortaleza contra os ataques de inimigos por terra. ; e em todo o outro lado ele cavou um lago grande e profundo, que, tomando a força do rio e ocupando todo o espaço sobre a cidade, exceto onde o monte havia sido levantado, deu-lhe uma força notável. (Diodoro, A Biblioteca da História , I, 19, 50).

Como Memphis continuou a crescer em todo o Reino Antigo, as áreas na margem oeste do Nilo foram incorporadas à cidade. O crescimento atingiu o pico durante o reinado do rei da Sexta Dinastia, Pepy I (ca. 2332-2287), que levou a cidade a ser rebatizada de "Menefer", não oficialmente após a pirâmide do rei, traduzida como "Min is good" (Malek 2000, 114). ). O nome foi mais tarde escolhido pelos gregos, que o alteraram ligeiramente para se tornarem “Memphis”.

Memphis provou uma ótima localização para comércio e defesa, mas sua localização também foi baseada em teologia. Na antiga religião egípcia, havia três cosmologias diferentes: as teologias de Hermopolitan, de Heliopolitan e de Memphite. Todos os três baseavam-se nos deuses primários de suas respectivas cidades e, por mais difícil que seja para as sensibilidades modernas compreenderem, os antigos egípcios acreditavam que todos os três podiam coexistir simultaneamente (Shaw e Nicholson, 1995, 74).

A única cópia existente da "Teologia de Memphite" é datada do século 8 a 1659 e 1668 aC, mas a maioria dos egiptólogos acredita que seja uma cópia de um texto do Antigo Império (Lichtheim 2006, 51). O texto relata como Ptah e outras divindades importantes do panteão egípcio escolheram Memphis como um assentamento. O texto diz:

“O Grande Trono que dá alegria ao coração dos deuses na Casa de Ptah é o celeiro de Ta-tenen, a senhora de toda a vida, apesar de que o sustento das Duas Terras é fornecido, devido ao fato de que Osíris foi afogado em sua água. Isis e Nephthys olharam para fora, viram-no e cuidaram dele. Hórus rapidamente ordenou que Isis e Néftis segurassem Osíris e impedissem seu afogamento. Eles atenderam a tempo e o levaram para a terra. Ele entrou nos portais ocultos na glória dos senhores da eternidade, nos passos daquele que se eleva no horizonte, nos caminhos de Re, no Grande Trono. Ele entrou no palácio e se juntou aos deuses de Ta-tenen Ptah, senhor dos anos ”.

Assim, Osíris veio à terra na fortaleza real, ao norte da terra para a qual ele havia vindo. Seu filho Horus se levantou como rei do Alto Egito, levantou-se como rei do Baixo Egito, no abraço de seu pai Osíris e dos deuses na frente dele e atrás dele. (Lichtheim 2006, 58).

## **O Colapso do Antigo Reino**

O Reino Antigo forneceu a base para a maioria das idéias culturais egípcias antigas, da religião à arte, mas por inúmeras razões, esse período glorioso da história faraônica estava destinado a terminar.

Ironicamente, em muitos aspectos, o Antigo Império foi vítima de seu próprio sucesso. A longa regra de Pepy II marcou o fim não só da Sexta Dinastia, mas de acordo com a maioria dos estudiosos modernos, todo o Antigo Reino. (Kemp 2004, 112). Para começar, o longo governo de Pepy II sem dúvida levou a problemas de sucessão, já que o monarca mais do que provavelmente sobreviveu à maioria de seus sucessores (Shaw e Nicholson 1995, 220). Esse mesmo problema ocorreu quase 1.000 anos depois, durante o reinado de Ramsés II. Nesse caso, o faraó do Novo Reino sobreviveu a maioria de seus sucessores, levando a problemas de sucessão e uma linha dinástica enfraquecida (Shaw e Nicholson 1995, 220).

No entanto, depois da Sexta Dinastia, o Egito entrou em uma fase da história conhecida como Primeiro Período Intermediário. Os reis continuaram a governar do Egito durante a primeira parte do Primeiro Período Intermediário, e parece haver alguma continuidade com o Reino Antigo, mas a única evidência textual existente aponta para um período de crescente caos político e social. A Lista dos Reis de Turim, compilada durante o Império Novo, lista um total de 18 reis que governam durante 20 anos na Sétima e Oitava Dinastias (Kemp 2004, 112). Da mesma forma, Manetho escreveu que a Sétima Dinastia consistia de 70 reis de Memphis que reinaram por um total de 70 dias (Manetho, *Aegyptiaca*, Pe. 23).

Como a autoridade central dos reis em Mênfis declinou, o poder dos governadores regionais no Alto Egito, conhecido como Nomarchs, aumentou tremendamente. Os estudiosos acreditam que, em algum momento, enquanto o Velho Reino estava em seu estado de declínio, vários nomarcas do sul essencialmente se declararam independentes de Memphis. Uma inscrição em túmulo do nomarca de Hierakonpolis chamada Ankhtifi menciona uma guerra de conquista que ele liderou contra o vizinho Edfu e outro menor (Kemp 2004, 113). A guerra civil não era um conceito novo no Egito durante o Primeiro Período Intermediário, pois o Egito havia sido unificado por Menes / Narmer durante uma guerra civil por volta de 3100 aC, e agora o

processo ocorreu novamente, pouco mais de mil anos depois. Como a marcha de Menes do sul para o norte, os vencedores durante o Primeiro Período Intermediário também vieram do sul.

A situação caótica ocorrida depois do Reino Antigo raramente foi escrita em textos historiográficos - a inscrição de Ankhtifi, por mais fragmentária que seja, continua a ser a melhor fonte -, mas todo um gênero de histórias fictícias foi escrito durante o Império Médio, capturando o espírito da história. período. Hoje em dia, os egiptólogos geralmente concordam que os textos literários do Reino Médio fazem amplo uso de tropos mais do que fatos históricos - o Primeiro Período Intermediário foi uma época em que desapareceu do Egito e tudo parecia de cabeça para baixo. Embora esses textos sejam fictícios, eles dão pistas sobre o caos geral que ocorreu após o colapso do Reino Antigo. Em um desses contos fictícios, conhecido como "As Profecias de Neferti", um sábio chamado Neferti é convocado para a corte do rei da Quarta Dinastia, Snefru, para contar sobre a turbulência e a instabilidade que o Egito experimentará. Parte do texto diz:

"Eu te mostro a terra em tumulto,

“O que não deveria ser aconteceu.

"Os homens vão se apoderar de armas de guerra,

“A terra viverá em alvoroço.

“Homens farão flechas de cobre,

“Anseiam sangue por pão,

“Vai rir alto de aflição.

"Ninguém vai chorar pela morte,

“Ninguém vai acordar jejum pela morte,

“O coração de cada homem é para si mesmo.

“O luto não é feito hoje,

“Os corações abandonaram completamente.

“Um homem senta de costas,

“Enquanto um mata outro.

"Eu mostro a você o filho como inimigo, o irmão como inimigo,

"Um homem matando seu pai."(Lichtheim 2006, 142)

As últimas linhas da passagem são referências óbvias a algum tipo de guerra civil, que os estudiosos agora sabem que, de fato, aconteceu. Uma nova dinastia de reis se formou na cidade de Tebas, no Egito Superior, e eventualmente eles marcharam para o norte para derrotar os reis da Nona e Décima Dinastia (Kemp 2004, 114). Os reis da Décima Primeira Dinastia continuaram a se tornar os progenitores do Reino do Meio, mais uma vez repetindo um ciclo de reis do sul marchando para o norte para unificar o Egito.

## **O começo do reino médio**

Não há nenhum texto corroborante da língua egípcia que comprove a morte do rei Achthôês ou mesmo a sua existência. Mais do que provável, a referência era a um rei real, mas a maneira de sua morte pode ter mitificado até certo ponto. Dito isto, o rio Nilo certamente poderia ser um lugar mortal cheio de perigosos crocodilos e hipopótamos, tanto que os egípcios associavam-se a Seth, o deus do caos.

De acordo com Manetho, enquanto a Nona Dinastia governava o norte do Egito a partir de Heracleópolis, a Décima Primeira Dinastia nasceu na cidade de Disopolis, no sul do Egito, mais conhecida como Tebas (Manetho, *Aegyptiaca*, Frs. 31-32), e a maioria dos o Primeiro Período Intermediário foi consumido com uma luta contínua entre Heracleópolis e Tebas (Grajetzki 2006, 8). A longa luta foi finalmente concluída no final do século 21 aC, quando um rei enérgico de Tebas uniu vigorosamente o Alto e o Baixo Egito mais uma vez.

Mais ou menos na metade da Décima Primeira Dinastia de Tebas, um rei de origens obscuras chamado Mentuhotep II (ca. 2055-2004 aC) subiu ao trono. Mentuhotep II é considerado o rei que unificou o Alto e o Baixo Egito, então seu reinado geralmente marca o início do Império do Meio. Infelizmente, não há fontes primárias que detalhem o processo. Em fontes literárias do Novo Reino, Mentuhotep II, junto com Menes / Narmer e Ahmose, é considerado um dos três maiores faraós por seus esforços em unir o Egito com sucesso (Grajetzki 2006, 18). Muitos túmulos da vigésima dinastia são adornados com inscrições que testemunham a proeza de Mentuhotep II como um rei terreno e sua transcendência post-mortem ao status de divindade, mas há uma escassez de fontes do Reino Médio que dão aos estudiosos modernos qualquer informação tangível sobre sua guerra de unificação (Calleder 2000, 150).

Talvez a melhor fonte primária relativa à guerra seja o chamado "Túmulo de Guerreiros" de Tebas. A tumba é bastante singular na cultura faraônica, pois contém não apenas a múmia do dono e, possivelmente, sua esposa, mas também vários corpos do que se determinou serem jovens. Os homens não foram mumificados e vários também tiveram trauma perceptível em seus ossos, o que sugere uma morte violenta (Callender 2000, 151). Um

esconderijo de armas também foi enterrado com os corpos. A tumba sugere que os guerreiros enfrentaram fins violentos, ainda que gloriosos, talvez na batalha final que deu o reinado da totalidade do Egito a Mentuhotep II. Até que seja descoberto um documento que explique os detalhes logísticos e estratégicos da guerra de Mentuhotep II contra Heracleópolis, qualquer reconstrução da campanha final será pura conjectura. Apesar da falta de detalhes sobre a guerra de Mentuhotep II contra o norte, existem evidências que permitiram aos estudiosos dar uma data aproximada da batalha final.



### **Um relevo representando Mentuhotep II em seu templo mortuário**

Um dos resultados do antigo Egito, sendo uma sociedade altamente letrada, foi a plethora de documentos que eles escreveram e que existem hoje. Esses registros permitiram que os egiptólogos modernos reconstruíssem uma cronologia precisa da história egípcia antiga, baseada principalmente em datações régias. O antigo ano egípcio foi dividido em três estações diferentes - inundação, crescimento e colheita - que se baseavam na inundação anual do rio Nilo (Allen 2000, 103). Dentro de cada temporada havia quatro meses, o que resultou em um total de 12 meses (Allen 2000, 103). Embora influenciado pelas inundações anuais do Nilo, o calendário egípcio também foi baseado no sol e foi surpreendentemente preciso, pois resultou em um ano de 365 dias (Allen 2000, 105).

Apesar de possuírem a capacidade de criar um calendário longo semelhante ao atual calendário gregoriano, os antigos egípcios, como muitos

povos antigos, basearam seu calendário no domínio de seus reis. Por exemplo, quando um rei assumisse o trono, quaisquer inscrições escritas no primeiro ano desse rei declarariam: “no primeiro ano do rei. . . e assim sucessivamente em cada ano sucessivo (Allen 2000, 104). Este estilo de calendário levou muitos estudiosos modernos a acreditarem que Mentuhotep II unificou o Egito durante o ano de seu governo, como foi durante aquele ano que a titulação real do rei mudou. Tradicionalmente, os reis egípcios tinham cinco nomes diferentes, sendo seu nome de nascimento o mais comumente usado pelos estudiosos modernos (Allen 2000, 65). No ano de Mentuhotep II, de 1659 a 1668, ele tomou o nome de Hórus - que era geralmente o primeiro nome listado no titular real de um rei - "Horus Sematawy", que é traduzido como "Horus que liga as Duas Terras" (Grajetzki 2006, 19). ). A mudança no nome sugeriria uma celebração de seu triunfo sobre seus inimigos do norte.

Uma vez que o novo rei unificou o Egito com sucesso, ele estava livre para dedicar seu tempo a programas e idéias que mais tarde caracterizariam o Reino do Meio. Embora o reinado de Mentuhotep II não seja particularmente bem documentado, pelo menos quando comparado aos reis do Império Médio, fontes sobreviventes sugerem que ele seguiu um ambicioso programa político que foi seguido pela maioria dos outros reis do período. Um aspecto particular do reinado de Mentuhotep II, que possivelmente se tornou institucionalizado em todo o Reino do Meio - embora tenha caído em desuso em períodos posteriores da história faraônica - foi a ideia de co - egências. Uma série de estelas “duplamente datadas” e outros monumentos do Reino do Meio levaram a maioria dos egiptólogos a acreditar que o Império do Meio tinha alguns reis egípcios governando simultaneamente por alguns anos com seu sucessor. (Callender 2000, 149). A razão para a mudança nesta filosofia da realeza não é conhecida, mas parece que a tradição começou durante o reinado de Mentuhotep II.

Mentuhotep II também era conhecido por se envolver em uma política externa vigorosa e, às vezes, agressiva, que deu ao Egito seu primeiro gosto do verdadeiro império. Durante o Antigo Império, o contato do Egito com os não egípcios era mínimo e geralmente envolvia comércio, além de ocasionais expedições militares contra núbios e líbios. As campanhas militares do Antigo Reino são pouco documentadas e provavelmente

representam pouco mais que expedições destinadas a vingar-se de qualquer grupo que ameaçasse rotas comerciais. Começando com o reinado de Mentuhotep II, no entanto, campanhas militares foram documentadas com mais frequência e consistiram em forças maiores que pretendiam conquistar e colonizar ao invés de meramente proteger rotas comerciais.

Mentuhotep II pode ter liderado uma campanha no Levante, mas foi sua campanha na Núbia que mudou o curso político do Reino do Meio (Grajetzki 2006, 20). Uma estela de Assuã, que marcou a fronteira tradicional entre o Egito e a Núbia, na Primeira Catarata do Rio Nilo, registra que no ano 41, 1659 e 1668 do rei, quatro anos depois de unificar o Alto e o Baixo Egito, liderou uma campanha em Wawat. (Núbia). O texto diz: “Ano 41, sob (a majestade de Nebkhrure (Mentuhotep II)), veio o portador do selo real, único companheiro, tesoureiro chefe, Kheti, nascido de Setre, triunfante; e navios para Wawat -----.(Breasted 2001, 1: 206).

Mentuhotep II era verdadeiramente um monarca atarefado, porque enquanto enviava tropas para a Núbia e o Levante, ele também estava reorganizando a estrutura do estado egípcio. O estado do Antigo Império provou ser extremamente eficiente, pois foi capaz de reunir uma combinação de vastos recursos e trabalho humano para criar os maiores monumentos do mundo na época, mas começou a corroer na Sexta Dinastia antes de finalmente desmoronar e inaugurou o Primeiro Período Intermediário. Assim, embora a reorganização de Mentuhotep II do estado egípcio fosse abrangente, não era necessariamente revolucionária; De fato, o estado de Mentuhotep II, no qual os reis subsequentes do Reino Médio modelaram seus governos, essencialmente emulou o eficiente Estado do Antigo Reino. O vizir era o chefe da administração, e abaixo dele estava o tesoureiro. O homem número três para o faraó foi o administrador, que supervisionou as terras do estado (Grajetzki 2006, 21). Cada um desses três homens tinha imenso poder no estado egípcio e foi capaz de aumentar seu poder através de um sistema de patrocínio e favores dados por e para outros nobres e sacerdotes, mas apesar do poder do vizir, tesoureiro e mordomo, o egípcio rei era um monarca absoluto que poderia substituir qualquer um desses homens por um capricho, se assim decidisse.

Embora este sistema possa ter levado ao assassinato de Amenemhat I (discutido mais adiante), proporcionou grande estabilidade ao estado egípcio

em todo o Império do Meio, e por todos os seus esforços em assuntos domésticos e estrangeiros, Mentuhotep II não foi apenas reverenciado por gerações posteriores de egípcios, seu culto também passou por toda a história faraônica (Grajetzki 2006, 23).

No entanto, o reinado longo e bem sucedido de Mentuhotep II provou ser uma faca de dois gumes. Por um lado, seu reinado proporcionou ao Egito estabilidade e prosperidade e estabeleceu os egípcios como uma potência imperial. Por outro lado, o longo governo do rei foi prejudicial à Décima Primeira Dinastia. O filho de Mentuhotep II, Mentuhotep III (ca. 2004-2112 aC), governou por mais de 10 anos e foi então sucedido por Mentuhotep IV (ca. 1945-1938). A controvérsia envolve o reinado de Mentuhotep IV, porque ele não foi mencionado pelo nome no Cânone de Turim, que foi uma lista-real escrita em algum momento da Décima Nona Dinastia (Shaw e Nicholson 1995, 296-7). Embora a lista de Turim não mencione Mentuhotep IV pelo nome, ela lista um rei final anônimo da Décima Primeira Dinastia que governou por sete anos (Grajetzki 2006, 25). A falta de um nome atribuído ao rei final da dinastia levou alguns egiptólogos a acreditar que Mentuhotep IV era um usurpador, embora os reis posteriores não apagassem seus nomes de nenhum monumento (Grajetzki 2006, 25). O fato de que Mentuhotep IV deixou poucos monumentos com seu nome pode sugerir que os reis posteriores nunca se preocuparam em apagar o nome de quem viam como um rei inconsequente. Com isso dito, existem alguns textos existentes do reinado do rei que demonstram que ele tentou levar adiante alguns aspectos das políticas estabelecidas por Mentuhotep II.

Um dos poucos textos existentes do reinado de Mentuhotep IV indica que ele enviou uma expedição de escavação considerável no Wadi Hammamat no deserto oriental do Egito. O texto diz:

“Minha majestade enviou o príncipe, prefeito da cidade, vizir, chefe das obras reais, o favorito real, Amenemhat, com uma tropa de dez mil homens dos nomes do sul do Alto Egito, e das [guarnições] de Tebas, a fim de trazer-me um precioso bloco da pedra pura desta montanha, cuja excelência foi feita por Min, para o senhor da vida, que recorda a eternidade ainda mais do que os monumentos nos templos do Alto Egito, como uma missão do rei que governa as Duas Terras, de modo a trazer-lhe o desejo do seu coração das terras desertas de seu pai.

"Ele fez isso como seu monumento a seu pai Min of Coptus, senhor das terras desertas, governante dos arqueiros, para que ele possa dar muitos [jubileus] e viver como Re para sempre."(Lichtheim 2006, 115)

O vizir mencionado no texto, Amenemhat, acredita-se ser Amenemhat I da Décima Segunda Dinastia, que provou ser um dos faraós mais ambiciosos e trágicos do Egito.



**Um relevo representando Amenemhat I de seu templo funerário**

## **A Décima Segunda Dinastia e a Altura do Império Médio**

Acredita-se pela maioria dos egiptólogos que Amenemhat I (ca. 1985-1956 aC) foi o vizir de Mentuhotep IV mencionado no texto acima, embora a forma como ele ascendeu à posição de rei seja desconhecida (Grajetzki 2006, 28). Alguns acreditam que a falta de evidência de uma coregência indica que eu deveria ter usurpado o trono, mas fontes sugerem Amenemhat que eu desejava manter a estabilidade e o momentum estabelecidos por Mentuhotep II, mesmo quando ele tentou se diferenciar de seus predecessores até certo ponto. Por exemplo, uma das decisões políticas mais notáveis que Amenemhat eu fiz foi transferir a capital de Tebas para um novo local na região de Fayum. Os reis da Décima Primeira Dinastia eram todos de origem Tebana e governavam da cidade do sul, de modo que parece que o movimento de Amenemhat foi pelo menos parcialmente destinado a separar ele e seus sucessores da Décima Primeira Dinastia.

A mudança também teve implicações práticas. A região de Fayum é o único oásis do Egito conectado ao rio Nilo, de modo que seu desenvolvimento seria um assunto mais fácil do que o trabalho posterior concluído nos oásis do deserto ocidental (Shaw e Nicholson 1995, 98). O Fayum também fica perto do Baixo Egito, o que teria enviado um sinal aos nobres de que os reis da Décima Segunda Dinastia não os haviam esquecido, embora esses nobres há muito tivessem esquecido a guerra de Mentuhotep IV com Heracleópolis. A nova capital do Fayum, localizada perto da moderna cidade de Lisht, foi chamada de Iti-tawy-Amenemhat, traduzida como “Amenemhat takes the Two Lands” (Grajetzki 2006, 29). A nova capital funcionava como capital política do Egito para a maior parte do restante do Reino do Meio, e era o local para a maioria dos túmulos reais de seus reis.

A arte e a ciência da construção da pirâmide, que viu seu auge no início da Quarta Dinastia do Antigo Império, não desapareceram totalmente quando o Egito entrou no Primeiro Período Intermediário. As pirâmides continuaram a ser construídas durante o Primeiro Período Intermediário, embora houvesse muito menos e fossem muito menos impressionantes do que as construídas durante o Império Antigo (Lehner 2001, 164-5). Não muito depois de Amenemhat ter transferido a capital egípcia para Lisht, ele aparentemente

abandonou uma pirâmide que estava construindo na margem oeste do rio Nilo, perto de Tebas, começando a construção de uma nova pirâmide perto da capital (Lehner 2001, 168). A pirâmide de Amenemhat I, que hoje parece mais uma pilha de escombros do que uma pirâmide, seguiu os métodos de construção padrão e o tamanho do antigo Império Antigo, mesmo usando blocos do período anterior para preenchimento (Lehner 2001, 168). Os esforços de construção de Amenemhat I começaram uma tendência no Reino Médio, já que a maioria dos reis subsequentes construiu pirâmides perto de Lisht (embora fossem muito menos impressionantes e duradouras, em parte porque muitas eram feitas de tijolos de barro) (Lehner 2001, 175).



**Foto de Jon Bodsworth das ruínas da pirâmide de Userkaf**

Como Amenemhat estava renovando a tradição egípcia de construção de pirâmides, ele também estava conduzindo as agressivas políticas externas de seus predecessores. Um nobre chamado Khnumhotep deixou uma inscrição perto da cidade moderna de Beni Hassan, que relata sua fidelidade ao rei e como ele ajudou a derrotar os asiáticos e núbios do Egito. Embora a inscrição tenha sofrido danos imensos ao longo dos séculos, as partes legíveis retratam

a agressiva política externa de Amenemhat I. Parte da inscrição diz: “Eu saí da minha cidade e fui para [meu nome]. Nunca cometi o mal contra um homem. . . Então me designou [meu senhor] o rei do Alto e do Baixo Egito, Sehetepibre, filho de Re: Amenemhat (eu) vivendo para todo o sempre, para o [escritório] ---. Eu desci com sua majestade para [\_\_\_], em vinte navios de cedro [que] ele [levou], chegando a -. Ele o expulsou das duas regiões (Egito). Nubians [\_\_\_] Asiatics, caiu; ele tomou as planícies, as terras altas, nas duas regiões”. (Breasted 2001, 1: 206).

As campanhas de Amenemhat I também tiveram um papel no enredo do conto fictício conhecido como "O Conto de Sinu", de 1669. Sinhue, que era um nobre e confidente do rei, foi implicado no assassinato de Amenemhat I, enquanto seu filho e sucessor, Senusret I (ca. 1956-1911 aC), estava lutando contra os líbios no deserto ocidental. A passagem que escapa ao assassinato diz: “Sua majestade, porém, enviou um exército para a terra do Tjemeh, com seu filho mais velho como seu comandante, o bom deus Sesostris. Ele fora enviado para ferir as terras estrangeiras e punir os de Tjehenu. Agora ele estava retornando, trazendo cativos do Tjehenu e gado de todos os tipos além do número. Os funcionários do palácio enviaram para a fronteira ocidental para que o filho do rei soubesse o ocorrido na corte. Os mensageiros encontraram-no na estrada, alcançando-o à noite. Nem um momento ele demorou. O falcão voou com seus assistentes, sem deixar que seu exército soubesse disso. (Lichtheim 2006, 224)

O “falcão voador” era um antigo eufemismo egípcio para a morte de um rei (Hórus, o deus da realeza, era frequentemente descrito como um falcão), o que indica que Amenemhat foi assassinado. Na história, Sinuhe foge do país para o Levante, mas acaba retornando e é perdoado por Senusret I, que percebe que o homem era completamente inocente. Parte da conclusão diz:

“Então as filhas reais foram trazidas e sua majestade disse à rainha: 'Aqui está o Sinuhe como um asiático, um produto de nômades!' “Sua majestade disse: 'Ele não temerá, ele não temerá! Ele será um companheiro entre os nobres. Ele estará entre os cortesãos. Prossiga para a sala de espera para esperá-lo!

“Eu saí do auditório, as filhas reais me deram as mãos. Nós passamos pelos grandes portais e eu fui colocado na casa de um príncipe. Nela havia luxos:

um banheiro e espelhos. Ali estavam as riquezas do tesouro; roupas de linho real, mirra e o perfume escolhido do rei e de seus cortesãos favoritos estavam em todos os cômodos. . . Uma pirâmide de pedra foi construída para mim no meio das pirâmides. Os pedreiros que constroem tumbas construíram-no. Um desenhista mestre projetou isto. Um mestre escultor esculpido nele. Os supervisores da construção na necrópole se ocuparam com isso. Todo o equipamento que é colocado em um eixo de túmulo foi fornecido. Padres mortuários me foram dados. Um domínio funerário foi feito para mim. (Lichtheim 2006, 224)

Estudiosos modernos são rápidos em apontar que "The Tale of Sinuhe", de 1668, era uma história fictícia e representava nada mais do que uma exposição da moral egípcia e uma demonstração da benevolência e beneficência de Senusret que escrevi em uma história empolgante. Embora isso possa ser verdade, deve-se notar que os antigos egípcios raramente registravam eventos que retratavam sua sociedade sob uma luz negativa, e o regicídio - que no caso do antigo Egito teria sido realmente deicida - teria sido o pior ato imaginável ( Cozinha 2003, 246).

A breve menção do assassinato de Amenemhat I em "The Tale of Sinuhe" pode ser corroborada por pelo menos duas outras fontes antigas. Outro conto literário da era do Império do Meio, conhecido como "As Instruções do Rei Amenemhat I para Seu Filho Sesóstris", aborda o assassinato de Amenemhat I em termos muito mais explícitos. Como Sinuhe 1669, The Instructions é hoje visto como um conto fictício pela maioria dos estudiosos, mas é preciso um tom muito mais didático - a prosa segue a perspectiva do rei morto ao dar instruções e conselhos ao seu filho. A passagem do assassinato diz o seguinte:

"Foi depois do jantar que a noite chegou. Eu estava tirando uma hora de descanso, deitada na minha cama, porque estava cansada. Quando meu coração começou a seguir o sono, armas para minha proteção foram viradas contra mim, enquanto eu era como uma cobra do deserto. Acordei no alerta da luta e descobri que era um combate da guarda. Se eu tivesse rapidamente apreendido armas em minha mão, teria feito os covardes se retirarem [às pressas]. Mas ninguém é forte à noite; ninguém pode lutar sozinho; nenhum sucesso é alcançado sem um ajudante.

“O derramamento de sangue ocorreu enquanto eu estava sem você; antes que os cortesãos soubessem que eu passaria para você; antes de me sentar com você para aconselhá-lo. Pois eu não havia me preparado para isso, não esperava, não havia previsto a falha dos servos”. (Lichtheim 2006, 137)

A passagem afirma enfaticamente que o assassinato se originou de dentro dos limites da corte real, o que indica que algum tipo de putsch palaciano foi tentado antes de Senusret eu finalmente o suprimi. A entrada de Manetho para Amenemhat parece corroborar esta versão do assassinato: “Ammanemês, por 38 anos: foi assassinado pelos seus próprios eunucos.” (Maneto, *Aegyptiaca*, Fr. 16).

Em períodos menos estáveis, o assassinato de um rei poderia ter levado a problemas internos e possivelmente à dissolução da unidade do Egito, mas o sucessor de Amenemhat I provou ser um líder capaz que conseguiu expandir muitas das idéias de seu pai. Quando Senusret cheguei ao trono, ele continuou a maioria das políticas de seu pai, mas ele foi capaz de levar as coisas adiante porque ele governou por muito mais tempo. Um dos aspectos mais duradouros do reinado de Senusret I foi suas extensas atividades de construção. Em Tebas, Senusret, comecei a construção do que se tornaria o núcleo do Templo de Karnak (Grajetzki 2006, 36). O núcleo que Senusret eu tinha construído foi posteriormente consumido pelos projetos de construção de reis ambiciosos no Reino Novo e Período Tardio, mas seus esforços foram a inspiração para o que acabou se tornando um dos maiores monumentos religiosos da história. Senusret também dediquei grande parte de sua atenção arquitetônica à capital perto de Lisht. O rei mandou construir sua pirâmide a pouco mais de dois quilômetros ao sul da pirâmide de seu pai, mas infelizmente, como a pirâmide de seu pai, o túmulo de Senusret I é agora apenas uma pilha de entulho de 75 pés de altura (Lehner 2001, 170-1). Nove pirâmides "subsidiárias" também foram construídas, mas a identidade de apenas dois dos proprietários dos túmulos foi positivamente confirmada. Uma pirâmide pertencia à esposa de Senusret I, Neferu, e a outra

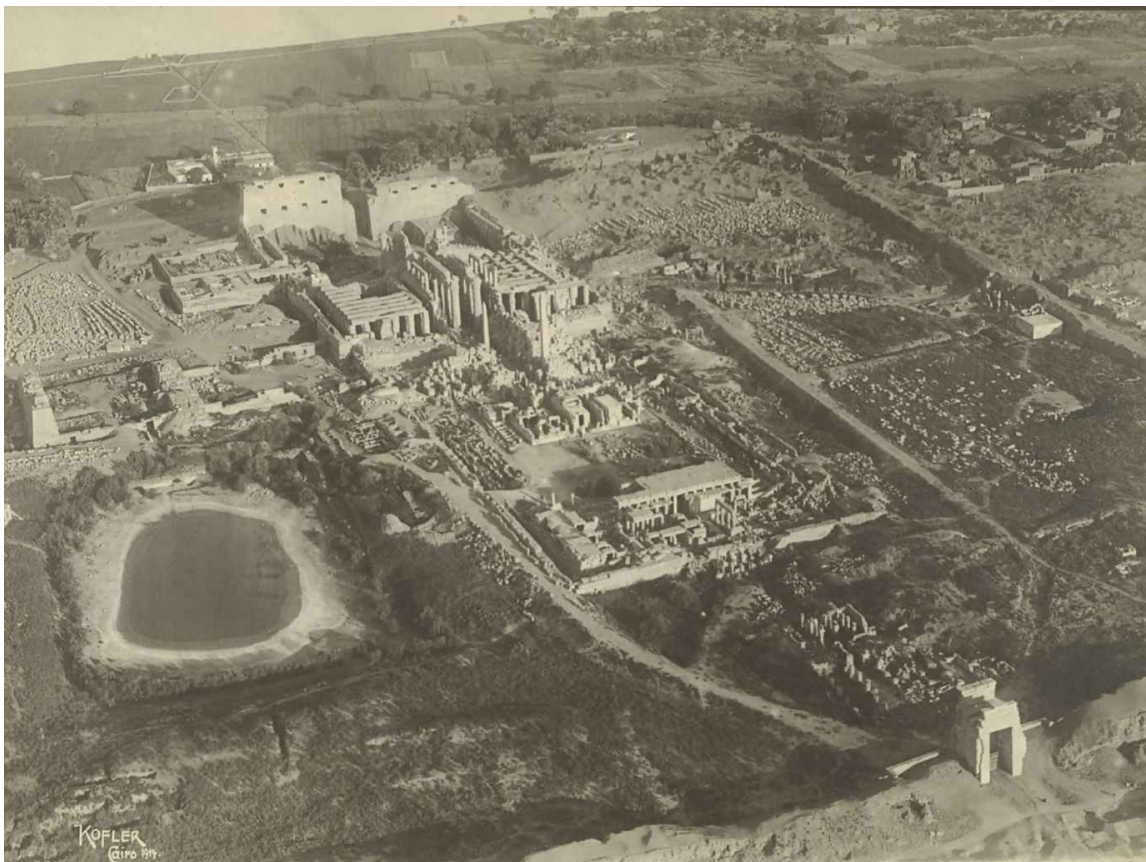
a uma princesa chamada Itaytket (Lehner 2001, 173).



**Busto de Senusret I no Neues Museum, Berlim**



**Foto de um busto de Senusret I por Keith Schengill-Roberts**



### **Uma foto aérea do início do século 20 do Templo de Karnak**

Um texto em um rolo de couro datado do Novo Reino relata como Senusret I encomendou um templo para ser construído como parte do complexo maior do templo dedicado ao deus solar e criador Atum em Heliópolis. Atum desempenhou um papel importante na cosmologia e teologia egípcia antiga e a localização de seu templo em Heliópolis também tinha importância prática - Heliópolis estava localizada ao norte de Memphis no Delta. Infelizmente, pouco do templo original permanece hoje, mas acredita-se que o rolo de couro tenha sido copiado diretamente das inscrições no templo (Lichtheim 2006, 115). Parte do texto diz:

“Ano 3, terceiro mês da inundação, dia 8, sob a Majestade do Rei do Alto e Baixo Egito, Kheperkare, o filho de Re, Senusret (I), o justificado, que vive para todo o sempre. O rei apareceu na coroa dupla; uma sessão ocorreu no auditório; uma consulta com seus seguidores, os companheiros do palácio, os funcionários do compartimento privado. O comando foi pronunciado para eles ouvirem; conselho foi dado para eles aprenderem. . .

“Tendo vindo como Horus, pensei. Tendo estabelecido as ofertas dos deuses, eu construirei uma grande casa para meu pai Atum. Ele se enriquecerá na medida em que ele me fez conquistar. Eu suprirei seus altares na terra. Eu vou construir minha casa no bairro dele. Minha excelência será lembrada em sua casa: o santuário é meu nome, o lago é meu memorial. . . Então falou os companheiros reais em resposta ao seu deus: . . . As pessoas não podem ter sucesso sem você. Sua Majestade é todos os olhos. É muito bom que você faça seu monumento em On, o santuário dos deuses, perto de seu pai, a banha do palácio, Atum, o Touro da Enéade. Quando seu templo é construído, ele fornecerá o altar. Isso dará serviço à sua imagem. Ele fará amizade com suas estátuas por toda a eternidade. (Lichtheim 2006, 117)

Além de melhorar os programas de construção de seu pai e embarcar em alguns dos seus, Senusret também foi além da política externa de Amenemhat I em relação à Núbia. As campanhas militares de Senusret I não são muito bem documentadas, mas uma inscrição deixada por um nobre chamado Amenemhat detalha uma campanha militar bem-sucedida na Núbia: “Eu segui meu senhor quando ele navegou para o sul para derrubar seus inimigos entre os quatro bárbaros. Eu naveguei para o sul, como o filho de um conde, portador do selo real e comandante em chefe das tropas do nome Oryx, como um homem representa seu velho pai, de acordo com seu favor no palácio e seu amor em O tribunal. Passei Kush, navegando para o sul, avancei a fronteira da terra, trouxe todos os presentes; meu louvor, chegou ao céu. Então sua majestade retornou em segurança, tendo derrotado seus inimigos em Kush, o vil. Voltei, seguindo-o, com o rosto pronto. Não houve perda entre os meus soldados. (Breasted 2001, 1: 251). Parece que pelo reinado de Senusret I, a maioria da Núbia foi essencialmente incorporada ao florescente Império do Império Médio; assim, o principal objetivo da campanha de Senusret e de todas as outras campanhas egípcias na Núbia era obter seus ricos depósitos minerais, especialmente seu ouro.

Os programas de construção e campanhas na Núbia, conduzidos por Senusret I, estavam intimamente relacionados com o benefício da riqueza no Egito, o que levou a muitos outros avanços na cultura em geral. Foi durante o governo de Senusret I que o Egito testemunhou uma explosão de literatura que a maioria dos egiptólogos considera estar entre os melhores da história faraônica (Grajetzki 2006, 44). Algumas dessas composições já foram

discutidas acima e outras, bem como o desenvolvimento geral da linguagem escrita, serão examinadas mais a fundo abaixo; mas os extensos projetos de construção, campanhas militares e até mesmo a produção de literatura excepcional não teriam sido possíveis sem um aumento da riqueza material do Egito.

Esses esforços exigiram recursos significativos, mas a natureza da economia do antigo Egito torna praticamente impossível para os estudiosos modernos avaliar o quanto esses projetos custam. Felizmente, grandes esconderijos de jóias que foram perdidos por ladrões foram escavados nos tempos modernos a partir dos túmulos dos nobres da Décima Segunda Dinastia, e os historiadores acreditam que os esconderijos representam um aumento geral na riqueza material do Egito, o que permitiu aos reis embarcarem em construções mais ambiciosas. programas e conduzir extensas campanhas militares na Núbia (Callender 2000, 159). Ao mesmo tempo, as campanhas militares ajudaram a injetar mais ouro na economia egípcia.

As políticas de Senusret I ajudaram a tornar o Egito um poder na região mais uma vez através de sua força militar e econômica combinada, levando o Vale do Nilo a uma era de ouro que durou mais de 100 anos. Os reinados prósperos de Amenemhat I e Senusret I teriam sido um ato difícil de seguir para a maioria dos governantes, mas a combinação de uma economia forte e uma sucessão de governantes capazes asseguraria que a prosperidade do Egito continuaria durante o restante da Décima Segunda Dinastia. O sucessor de Senusret I, Amenemhat II (ca. 1911-1877), compartilhou a coroa com ele por um par de anos antes de assumir o controle exclusivo do Egito e desfrutar de um reinado em grande parte pacífico. Senusret II (ca. 1877-1870) seguiu Amenemhat II e continuou a era de prosperidade que começou no Egito nos primeiros anos da Décima Segunda Dinastia. Devido à regra relativamente breve de Senusret II, há poucos textos relacionados a ele, mas a evidência disponível sugere que ele continuou o interesse de seus antecessores na região de Fayum. Em vez de se dedicar à construção de grandes monumentos em torno de Lisht, Senusret II aumentou a produtividade da região através de um programa abrangente de irrigação (Callender 2000, 164).

O século 16 aC, do século I aC, o historiador grego Diodorus ofereceu um relato detalhado de um rei egípcio a que ele se referiu como "Sesoösis". Os historiadores modernos acreditam que o rei é na verdade um composto de todos os reis chamados Senusret, especialmente Senusret III, junto com outros faraós do Novo Império como Ramesses II (Shaw e Nicholson 1995, 260). Uma das passagens de Diodoro parece referir-se ao projeto de irrigação Fayum de Senusret II: "Agora Sesoösis vomitou muitos grandes montes de terra e transferiu para eles cidades como se estivessem situadas em terrenos que não eram naturalmente elevados, a fim de que, no momento da inundação do rio, tanto os habitantes quanto seus rebanhos pudessem ter um lugar seguro de retiro. E sobre toda a terra, de Memphis até o mar, ele cavou canais frequentes que saíam do rio, com o propósito de que o povo pudesse realizar a colheita de suas colheitas com rapidez e facilidade, e que, através do intercâmbio constante entre os camponeses, todos os distritos podem desfrutar de um meio de vida fácil e de uma grande abundância de todas as coisas que ministram ao gozo do homem". (Diodoro, A Biblioteca da História, I, 57,1-2).

Senusret II continuou a tendência de construir no Fayum construindo sua pirâmide perto da moderna vila de El-Lahun. O rei também mudou o Egito para mais perto do culto a Osíris, que será considerado mais profundamente abaixo (Shaw e Nicholson 1995, 250).



**Cabeça de uma estátua de Senusret II de Karnak**

## **Reis da Posterior Décima-Segunda Dinastia**

O sucessor de Senusret II, Senusret III (ca. 1870-1831 aC), é considerado pelos historiadores modernos e clássicos como o maior faraó do Império do Meio. Existem várias fontes primárias, egípcias e greco-romanas, que documentam a agressiva política externa de Senusret III, bem como seus numerosos projetos de construção. Foi também durante o reinado de Senusret III que a estatuária egípcia alcançou um alto nível de especialização, como evidenciado pelos muitos exemplos que existem hoje em museus em todo o mundo.





### **Imagem de estátuas de Senusret III**

Como mencionado acima, as façanhas de Senusret III foram romantizadas e combinadas com as de outros reis egípcios para criar uma imagem positiva do rei que ainda era comum no Egito quase 2.000 anos depois de seu governo. Diodorus baseou sua história do Egito em uma combinação de fontes, embora os primeiros escritores gregos e sacerdotes egípcios que ele conferiu pessoalmente pareçam ter composto a maior parte de suas fontes primárias (Krebsbach 2014, 100). A natureza benéfica do rei sobre a qual ele escreveu foi, portanto, largamente extraída das histórias orais dos sacerdotes

egípcios que continuaram a considerar Senusret III em alta consideração. Diodorus escreveu: “Sesoösis, dizem eles, que se tornou rei sete gerações depois, realizou feitos mais renomados e maiores do que qualquer um de seus predecessores. E já que, com relação ao seu rei, não apenas os escritores gregos divergem entre si, mas também entre os egípcios, os sacerdotes e os poetas que cantam seus louvores dão histórias conflitantes, nós, de nossa parte, nos empenharemos para dar a conta mais provável. e o que mais concorda com os monumentos que ainda estão na terra.” (Diodoro, A Biblioteca da História, I, 53, 1). Sem dúvida, as “histórias conflitantes” foram o resultado da quantidade de tempo decorrido entre o reinado de Senusret III e a vida de Diodorus.

O fato de que os “Sesoösis” sobre os quais Diodorus escreveu era, pelo menos em parte, uma composição de diferentes reis, também desempenhou um papel em histórias variadas. Com isso dito, Senusret III foi visto pelos egípcios mais tarde como um dos reis mais benevolentes na longa história de sua cultura. Outra passagem diz: “Ele, portanto, mostrou bondade a todos por todos os meios à sua disposição, ganhando alguns por presentes de dinheiro, outros por dádivas de terra e outros por remissão de penalidades, e todo o povo que ele anexou a si mesmo por seus amigos. relações e caminhos bondosos; pois ele libertou todos os que ficaram ilesos, que foram detidos por algum crime contra o rei e cancelaram as obrigações daqueles que estavam na prisão por dívidas, havendo uma grande multidão nas cadeias. E dividindo a terra inteira em trinta e seis partes que os egípcios chamavam nomes, ele colocou sobre cada um nomarch, que deveria supervisionar a coleta das rendas reais e administrar todos os assuntos de sua divisão.” (Diodoro, A Biblioteca da História, I, 57, 1-4).

Provavelmente, nunca se saberá o quanto dessa passagem é verdadeira e exatamente quais partes podem ser atribuídas especificamente a Senusret III ou a um dos outros Senusrets ou Ramesses II - por exemplo, “dinheiro” como o mundo pensa dele hoje não existem no Egito faraônico. Não obstante, as passagens demonstram que o Senusret III foi muito apreciado pelo sacerdócio egípcio séculos depois. Numerosas outras fontes primárias atestam as ambições e habilidades do rei, que demonstram que ele não era apenas um dos maiores reis do Império do Meio, mas de toda a história faraônica.

Senusret III talvez seja mais conhecido por suas muitas campanhas militares. Estas campanhas, que tiveram lugar tanto na Núbia como no Levante, foram numerosas e intensivas, mas as campanhas para a Núbia foram as mais bem registadas. Os textos egípcios documentam que Senusret III conduziu quatro grandes campanhas na Núbia durante os séculos 6, 8, 10 e 16 durante o governo (Callender 2000, 166). Os textos, juntamente com as escavações arqueológicas, revelam que os egípcios se moveram lentamente para o sul, para a Núbia, ao longo do rio Nilo, estabelecendo uma série de fortes nas margens do rio (Grajetzki 2006, 52). Inscricões na língua egípcia, sob a forma de várias estelas, foram deixadas perto do forte egípcio-núbio de Semna. Uma estela do oitavo ano do Senusret III relata que os núbios foram, na maior parte, proibidos de entrar no território egípcio, mas eles foram autorizados a negociar nos fortes: "Fronteira meridional, feita no ano 8, sob a majestade do Rei do Alto e Baixo Egito, Khekure (Senusret III), que recebe vida para todo o sempre; a fim de evitar que qualquer núbio a atravessasse, mas água ou por terra, com um navio, (ou) qualquer rebanho dos núbios; exceto um núbio que deve vir a negociar em Ikren ou com uma comissão. Tudo bem deve ser feito com eles, mas sem permitir que um navio de núbios passe por Heh, indo rio abaixo, para sempre. (Breasted 2001, 1:293-4).

No geral, as relações do dia-a-dia entre os egípcios e núbios e em torno desses fortes eram provavelmente pacíficas, mas um acontecimento durante o ano de 1657 a 1668 de Senusret III obrigou o exército egípcio a dizimar partes da Núbia. A carnificina foi registrada em outra inscrição de Semna: "Ano 16, terceiro mês da segunda temporada, (ocorreu) sua majestade fazendo o limite do sul até Heh. Eu fiz meu limite além de (isso) de meus pais; Eu aumentei o que me foi legado. Eu sou um rei que fala e executa. . . Capturei suas mulheres, levei seus súditos, fui até seus poços, feri seus touros; Eu colhi o grão deles e ateei fogo nele. (Eu juro) como meu pai vive por mim, eu falo na verdade, sem mentir, saindo da minha boca. (Breasted 2001, 1:295-9).

Os historiadores clássicos também registraram as campanhas de Senusret III na Núbia, embora elas, como os aspectos do governo e da personalidade do rei discutidos acima, estivessem condensadas em um único evento. Heródoto, o século 5 a 1668 aC, grego "pai da história", escreveu que

"Sesostris era o único rei egípcio a governar a Etiópia". Como memoriais de seu reinado, ele deixou estátuas de pedra de si mesmo e de sua esposa, cada uma com quarenta e cinco metros de altura, e estátuas de nove metros de altura de cada um de seus quatro filhos. Eles foram erguidos em frente ao templo de Hefesto. (Heródoto, As Histórias, II, 110). Senusret III, também conhecido como Sesostris III, não foi o único rei a governar Núbia (referido como "Etiópia" pelos gregos e romanos), mas a menção da façanha demonstra mais uma vez o quão importante os egípcios viram depois o rei.

Ironicamente, não foram as conquistas de Senusret III na Núbia que renderam ao rei a maior parte de sua fama nos anos posteriores, mas uma campanha mais ambiciosa na Ásia ocidental que provavelmente nunca aconteceu. Alguns estudiosos modernos acreditam que Senusret III liderou pelo menos uma campanha na Ásia, mas há poucas fontes primárias credíveis não egípcias que podem corroborar essa afirmação (Callender 2000, 166). No livro do Antigo Testamento de Gênesis, há referências à presença militar egípcia no Levante, e enquanto a Bíblia nunca dá datas, os estudiosos modernos colocam muitos dos eventos de Gênesis, como a história de José e seu casaco de muitas cores, durante o Reino do Meio (Kitchen 2003, 344). A história diz: "E sucedeu que, chegando José a seus irmãos, tiraram da sua túnica José a túnica de várias cores que estava sobre ele e tomando-o, lançaram-no na cova; mas a cova estava vazia, não havia água nela. Depois sentaram-se para comer; e, levantando os olhos, viram uma caravana de ismaelitas que vinha de Gileade; nos seus camelos traziam tragacanto, bálsamo e mirra, que iam levar ao Egito. Ao passarem os negociantes midianitas, tiraram José, alçando-o da cova, e venderam-no por vinte siclos de prata aos ismaelitas, os quais o levaram para o Egito. Os midianitas venderam José no Egito a Potifar, oficial de Faraó, capitão da guarda. (Gn 37: 23-36) Embora a passagem acima contenha um anacronismo - os camelos não foram domesticados até séculos depois do Império do Meio - isso demonstra que uma estrada (ou estradas) bem viajada entre o Levante e o Egito existia na época. A passagem também mostra que as rotas eram pelo menos parcialmente policiadas ou controladas pelos militares egípcios.

A única fonte egípcia que parece verificar a influência do Egito no Levante vem de uma estela encomendada por um general egípcio chamado Sebek-khu. O general aparentemente serviu sob Senusret II antes de liderar os

exércitos de Senusret III, mas é apenas o último rei que ele reconhece no texto (Breasted 2001, 1: 302). A campanha em questão era contra uma terra levantina chamada Sekmem, que ainda não foi identificada pelos estudiosos modernos, e a estela também menciona Retenu, que era a palavra egípcia comumente usada para se referir a todo o Levante (Faulkner 1999, 154). O texto declara: “Sua majestade avançou para o norte, para derrubar os asiáticos. Sua majestade chegou a um distrito, Sekmen era o seu nome. Sua majestade levou o bom caminho ao prosseguir para o palácio da "Vida, Prosperidade e Saúde", quando Sekmem caiu, junto com Retenu, o desgraçado, enquanto eu estava agindo como retaguarda. Então os cidadãos do exército se misturaram para lutar com os asiáticos. Então eu capturei um asiático e tive suas armas apreendidas por dois cidadãos do exército, (por) um não se afastou da luta, (mas) meu rosto estava para a frente, e eu não dei minhas costas para o asiático. Como Senusret (III) vive, falei na verdade. Então ele me deu um bastão de eletrum na minha mão, um arco e uma adaga forjada com electrum, junto com suas armas. (Breasted 2001, 1:304-5). Este texto, juntamente com as passagens da Bíblia citadas acima, continuam a ser as únicas fontes de certa forma credíveis que indicam que Senusret III teve alguma influência sobre o Levante durante seu governo.

As afirmações mais detalhadas, porém um tanto estranhas, sobre as campanhas de Senusret III na Ásia ocidental e além vêm dos historiadores clássicos, que afirmam que Senusret III não apenas liderou uma expedição ao Levante, mas conquistou facilmente toda a região. Heródoto foi o primeiro a escrever sobre as façanhas do faraó do Reino do Meio, que, segundo ele, se baseavam nos relatos dos sacerdotes egípcios. “Sesostris, disseram os sacerdotes, navegou primeiro com uma frota de navios de guerra do golfo Árabe ao longo da costa do Oceano Índico, subjugando as tribos costeiras enquanto ele ia, até que descobriu que a água dos cardumes tornava impossível o progresso; então, ao retornar ao Egito (ainda de acordo com a descrição dos sacerdotes), ele levantou um poderoso exército e marchou pelo continente, reduzindo à sujeição todas as nações em seu caminho. Sempre que ele encontrava um inimigo corajoso que lutava bravamente pela liberdade, ele erigiu pilares no local inscritos com seu próprio nome e país, e uma sentença para indicar que pelo poder de suas forças armadas ele havia conquistado a vitória. (Heródoto, As Histórias, II, 102).

Não há provas de que isso tenha ocorrido; de fato, o conhecimento dos historiadores das antigas táticas militares egípcias aponta claramente para o contrário. Durante o Império do Meio, as expedições militares egípcias eram rotineiramente realizadas em navios, mas elas eram embarcações fluviais, e não há evidências de que eles tenham lançado uma grande expedição marítima na Ásia (Spalinger 2005, 6). Mais uma vez, parece que os sacerdotes egípcios relataram uma versão mais idealizada de Senusret III a Heródoto, que se baseava um pouco na realidade, mas continha mais ficção do que fato.

Um dos aspectos factuais da passagem parece ser onde ele afirma que o rei "ergueu colunas no local inscritas com seu próprio nome e país". Os "pilares" eram, com toda probabilidade, estelas, como as mencionadas acima, de Semna, que os reis egípcios erigiriam para comemorar vitórias ou estabelecer limites. O relato que Heródoto fez das campanhas de Senusret III foi posteriormente adicionado a outros historiadores clássicos.

O relato de Diodoro sobre Sesosis também mencionou suas conquistas, mas ele deu mais detalhes do que Heródoto. Em particular, Diodorus mencionou as incursões bem-sucedidas do rei na Núbia e as riquezas que trouxe para o Egito: "Depois que ele preparou seu exército, ele marchou antes de tudo contra os etíopes que moram ao sul do Egito, e depois de conquistá-los ele forçou as pessoas a pagar tributos em ébano, ouro e presas de elefantes. Então ele enviou uma frota de quatrocentos navios para o Mar Vermelho, sendo o primeiro egípcio a construir navios de guerra, e não apenas tomou posse da ilha naquelas águas, mas também subjugou a costa do continente até o Índico, enquanto ele próprio fez o seu caminho por terra com o seu exército e subjugou toda a Ásia. . . Da mesma forma, ele levou todo o restante da Ásia à submissão, assim como a maioria das ilhas Cíclades. E depois que ele cruzou a Europa e estava a caminho de toda a extensão da Trácia, ele quase durou seu exército por falta de comida e pela natureza difícil da terra. Conseqüentemente, ele fixou os limites de sua expedição na Trácia e estabeleceu estelas em muitas partes das regiões que ele havia adquirido". (Diodoro, A Biblioteca da História, I, 55,1-7). Os detalhes da riqueza que Senusret III extraiu da Núbia são definitivamente factuais, mas a afirmação de que ele conquistou a Trácia na Europa é claramente hipérbole.

O mito das conquistas generalizadas de Senusret III também foi recontado por Manetho: “Sesôstris, por 48 anos: em nove anos subjugou toda a Ásia e a Europa até a Trácia, erguendo em toda parte memoriais de sua conquista das tribos. Em cima das colunas, ele gravou para valente as partes secretas de um homem, para uma raça ignóbil as de uma mulher. Por isso, ele foi estimado pelos egípcios como o próximo no ranking de Osíris.” (Maneto, *Aegyptiaca*, Fr. 16).

Além de suas guerras de conquista, os projetos de construção pública de Senusret III também são bem documentados por fontes egípcias e clássicas. Um dos projetos de construção mais importantes que ocorreram durante seu reinado foi a criação de um canal que contornou a Primeira Catarata em Aswan. Embora a Primeira Catarata rochosa fornecesse uma fronteira natural e defesa para o Egito contra os núbios ao sul, também tornava muito mais difícil e demorado para os egípcios moverem seu exército para o sul. A construção de um canal por Senusret III resolveu esse problema. Após a construção do canal e, posteriormente, melhorias, foram erguidas estelas no local para comemorar o projeto de construção. O texto que comemora a construção inicial diz: “Ele fez dele como seu monumento para Anuket, amante da Núbia. . .fazendo para ela um canal, cujo nome é: “Belos-são-os-caminhos-de-Kekure” (Senusret III) que ele pode viver para sempre.” (Breasted 2001, 1: 291).

Como os recursos da Núbia desempenhavam um papel vital na prosperidade do Império do Meio, era imperativo manter o canal aberto. Os canais tendem a adquirir sedimentos e perdem sua profundidade, portanto é necessária uma manutenção regular. Senusret III percebeu esse problema, como ficou evidente em um texto dos oito anos de seu governo: “Ano 8 sob a majestade do Rei do Alto e Baixo Egito: Kekure, vivendo para sempre. Sua majestade mandou fazer o canal novamente, sendo o nome desse canal: “Belos-são-os-caminhos-de-Khekure- [Vivos] -Forever”, quando sua majestade subiu o rio para derrubar Kush, o desgraçado. Comprimento deste canal, 150 côvados; largura, 20; profundidade, 15.” (Breasted 2001, 1: 292). Com o canal aberto mais uma vez, Senusret III foi capaz de liderar suas tropas para saquear ainda mais na Núbia.

Outra parte do ambicioso programa de construção do Senusret III envolveu a construção de mais canais por todo o Egito. Diodorus assinalou que

Sesoösis iniciou um programa de canal, que provavelmente foi pelo menos parcialmente baseado nas atividades de Senusret II, mas há pouca dúvida de que Senusret III também figurou nessa passagem. As atividades de construção de Senusret III também foram escritas em detalhe por Heródoto, que escreveu: “Foram eles que foram forçados a arrastar as enormes massas de pedra que foram trazidas durante o reinado de Sesostris para o templo de Hefesto e cavar os diques. encontra lá hoje, privando assim o Egito - embora estivesse longe de sua intenção de fazê-lo - dos cavalos e carruagens que antes eram de uso comum em todo o país. Todo o Egito é plano; contudo, a partir de então, ele não é adequado para cavalos nem para o tráfego de veículos por causa dos inúmeros diques, que correm em todas as direções, o que corta o país. O objetivo do rei era fornecer água para as cidades que ficavam a uma certa distância do rio; pois antes as pessoas dessas cidades, quando o nível do rio caía, tinham que ficar aquém e beber água salgada do poço ”.(Heródoto, As Histórias , II, 108).

Como seus predecessores do Antigo e Médio Reinado, Senusret III construiu uma pirâmide para seu local de descanso final, mas em vez de seguir o precedente estabelecido por Amenemhat I, que construiu sua pirâmide perto de Lisht, Senusret III construiu sua pirâmide mais perto de onde a maioria dos Os reis do reino foram enterrados perto de Dashur (Lehner 2001, 177). A razão pela qual Senusret III escolheu Dashur sobre Lisht é desconhecida, mas provavelmente estava relacionada ao ego do rei. Depois de governar por tanto tempo e se engajar em várias campanhas militares na Núbia e no Levante, Senusret III provavelmente queria ser separado de seus sucessores mais imediatos e assim escolheu ser enterrado ao lado dos mais antigos e ilustres reis do Antigo Reino.

O complexo da pirâmide de Senusret III também se assemelhava mais a um complexo pirâmide do Reino Antigo: sete pirâmides de rainhas flanqueavam ambos os lados da pirâmide - três de um lado e quatro do outro - e todos eram cercados por um portão (Lehner 2001, 177). A pirâmide de 256 pés de altura foi uma das mais impressionantes do Reino do Meio, mas como todas as outras pirâmides do período, seu núcleo de tijolos eventualmente desmoronou e o revestimento externo de calcário foi retirado, deixando apenas uma pilha de escombros (Lehner 2001, 177). Junto com a

pirâmide em Dashur, Senusret III também tinha um túmulo construído na cidade sagrada de Abydos (discutido mais abaixo).



**Foto da pirâmide de Senusret III do século 19**

O longo e estável reinado de Senusret III trouxe muita prosperidade ao Egito, e ele foi lembrado na história como um dos maiores líderes do Egito, mas sempre que um rei governa por um período prolongado, muitas vezes há problemas com a sucessão. Dito isto, inicialmente parecia que a dinastia poderia evitar esse problema, porque como seu pai, o sucessor de Senusret III, Amenemhat III (ca. 1831-1786 aC), viveu uma longa vida e governou o Egito por um longo período (embora 20 anos de seu governo pode ter sido uma corregência com seu pai e antecessor) (Grajetzki 2006, 58). Amenemhat III desfrutou de uma regra relativamente pacífica e estável, que ele dedicou mais à construção de projetos do que aos assuntos externos. No início de seu reinado, Amenemhat III tinha uma pirâmide construída perto de seu pai em Dashur, mas o complexo da pirâmide do rei mais novo foi construído em um padrão diferente do de seu pai. A pirâmide de Senusret III foi construída ao longo de uma linha norte-sul, remanescente da pirâmide da Terceira Dinastia do rei Djoser, enquanto o complexo da pirâmide de Amenemhat III foi

construído numa orientação leste-oeste, mais indicativo de complexos pirâmides do Antigo Reino da Terceira Dinastia (Lehner 2001, 179 ).Como as outras pirâmides do Reino Médio, a pirâmide de Dashur, de Amenemhat III, agora nada mais é do que um monte de entulho, que é o resultado da pirâmide sendo construída perto de um lago tanto quanto de um acabamento inferior (Lehner 2001, 178).



**Um busto de Amenemhat III**

Por Amenemhat III em seu décimo quinto ano, a maior parte de sua pirâmide estava completa, mas era óbvio que havia problemas estruturais causados pelas águas subterrâneas (Lehner 2001, 181).Amenemhat III teria que construir outra pirâmide, e para a construção de sua segunda pirâmide, ele decidiu seguir a tradição dos reis da Décima Segunda Dinastia e construir no Fayum (Arnold 1999, 80).A pirâmide, que hoje se encontra em ruínas

perto da moderna cidade de Hawara, já alcançou cerca de 60 metros de altura e tinha um ângulo de cerca de 45 graus (Lehner 2001, 181). Muito mais impressionante do que a própria pirâmide, porém, foi o complexo de pirâmides que os gregos referiram posteriormente como o “Labirinto” (Arnold 1999, 80). Embora o labirinto, infelizmente, não tenha resistido ao teste do tempo, muitos historiadores e geógrafos clássicos forneceram relatos detalhados do complexo. Um dos melhores relatos foi dado pelo historiador e geógrafo grego Strabo, que escreveu: “Além das coisas mencionadas, esse Nome tem o Labirinto. Perto da primeira entrada do canal, e daí decorrendo cerca de trinta ou quarenta estádios, chega-se a um lugar plano, em forma de trapézio, que tem uma aldeia e também um grande palácio composto de muitos palácios - tantos em número quanto Nomes foram em tempos anteriores; pois este é o número de tribunais, cercados por colônias, contínuos um com o outro, todos em uma única fileira e ao longo de uma parede, sendo a estrutura como se fosse com os tribunais em frente a ela; e as estradas para eles são exatamente opostas à parede. Na frente das entradas estão criptas, por assim dizer, que são longas e numerosas e têm passagens sinuosas se comunicando umas com as outras, de modo que nenhum estranho pode encontrar seu caminho em qualquer corte ou fora dele sem um guia. . . No final deste edifício, que ocupa mais do que um estádio, encontra-se a tumba, uma pirâmide quadrangular, com lados de cerca de quatro pletera de largura e uma altura igual. Imandes é o nome do homem enterrado lá. (Estrabão, Geografia , 17, I, 37). As escavações do Labirinto no início dos anos 20, de 1659 e 1668, por Flinders Petrie, confirmaram que muito do que os autores clássicos relatavam era verdade, embora Strabo atribuísse o proprietário incorreto ao túmulo (Arnold, 1999, p.81).



### **As ruínas da pirâmide**

O programa de construção de Amenemhat III foi apoiado por várias fontes de receita, que incluíam o comércio exterior robusto. Além das expedições rotineiras de pedreiras que Amenemhat III enviou aos wadis para adquirir pedras valiosas, há evidências de que as rotas comerciais do Egito se expandiram durante seu governo. Bens com acabamento egípcio datados do Reino do Meio foram descobertos por arqueólogos modernos no Levante e Creta, e fragmentos de cerâmica minóica também foram descobertos no Egito (Callender 2000, 178). Esses artefatos apontam para uma rede de comércio razoavelmente bem estabelecida na região do Mediterrâneo oriental durante o auge do Império do Meio no Egito. A rede de comércio pode ter sido tão difundida que até chegou à terra de Punt no Chifre da África (Callender 2000, 179).

Embora a riqueza a que o Egito se acostumou durante o Império do Meio continuasse a fluir para o rio Nilo durante o reinado de Amenemhat III, a prosperidade estava prestes a chegar ao fim. Amenemhat III foi sucedido por

Amenemhat IV (ca. 1786-1777 aC), e por todos os relatos parece ter sido uma transição de poder pacífica e estável, mas a falta de textos egípcios do reinado de Amenemhat IV dificulta a reconstrução de seu governo. Dito isto, alguns textos existentes, combinados com evidências arqueológicas, pintam uma imagem do rei tentando manter o que seus predecessores construíram. Os restos mortais de um número de pirâmides do Império Médio são conhecidos, com um possivelmente pertencente a Amenemhat IV, mas estes monumentos foram mal documentados em tempos antigos, e eles foram ainda mais mal construídos do que seus antecessores (Lehner 2001, 184). Muitos são pouco visíveis hoje na paisagem do deserto.

Um grau decrescente de riqueza material no Egito pode ter sido a razão pela qual a pirâmide de Amenemhat IV não era tão grande quanto os modestos túmulos de seus ancestrais, embora textos do Sinai demonstrem que o rei ainda estava enviando expedições para a região durante seu governo. Uma inscrição diz: “Ano 6 sob a majestade do Rei do Alto e do Baixo Egito, Makhure (Amenemhat IV), dada a vida para sempre, \_\_\_ amada de Soped, [senhor do Oriente] e Hathor, amante de malaquita. \_\_\_\_\_ desejo, trilhando o caminho dele (o rei) que o favorece; a quem os soldados amam, [\_\_\_] seus desígnios, dando atenção [-----], depositário-guardião do palácio, Kheye, [nascido de] Henut.” (Breasted 2001, 1: 328).

Amenemhat IV tentativas de continuar a grandeza da Décima Segunda Dinastia foram em vão. De fato, parece que sua morte provocou uma crise de sucessão na dinastia. Depois de Amenemhat IV morreu, ele foi sucedido por um governante chamado Sobekneferu (ca. 1777-1773). Sobekneferu foi o último governante da Décima Segunda Dinastia e a primeira mulher confirmada a governar o Egito (Grajetzki 2006, 61). As circunstâncias sobre como uma mulher subiu ao poder permanecem obscuras, uma vez que poucos textos do curto reinado de Sobekneferu permanecem, mas de acordo com Manetho, ela era irmã de Amenemhat IV (Manetho, *Aegyptiaca*, Pe. 43).

Desnecessário dizer que o fato de uma mulher se tornar faraó, um papel historicamente reservado aos homens, levanta questões sobre como e por que isso aconteceu. Quando comparado com o reinado bem documentado do rei feminino Hatshepsut da Décima Oitava Dinastia, há algumas diferenças notáveis. Nas obras de arte, Hatshepsut era frequentemente representado como um homem, e em textos ela era referida pela palavra masculina para

rei - 6559 nesu .Por outro lado, Sobekneferu era sempre representada como uma mulher e nunca recebia finais masculinos para seu nome ou qualquer título (Grajetzki 2006, 62-63).A transição de Hatshepsut de rainha para rei foi muito gradual e ocorreu ao longo de vários anos, o que sugere que ela não apenas pretendia assumir o reinado do Egito, mas também que era um plano bem pensado.Parece que Sobekneferu teve o reinado investido contra ela quando seu irmão morreu inesperadamente sem herdeiros (ou herdeiros que eram jovens demais para assumir a posição).



**Busto de Sobekneferu**

Uma vez que a Décima Segunda Dinastia terminou com Sobekneferu, a Décima Terceira Dinastia assumiu o controle do Egito. Essa mudança sinalizou o fim rápido do Império do Meio.

## **A literatura e a religião do reino médio**

O Reino do Meio continua a ser mais conhecido pelos egiptólogos pelo incrível volume e alta qualidade de escritos e arte que foram produzidos. A língua falada e escrita do Reino do Meio, conhecida hoje pelos estudiosos como “egípcios do meio”, é vista por muitos como a versão clássica da língua egípcia e é tipicamente o que os estudantes da cultura e da língua egípcia aprendem primeiro (Allen 2000, xi).

Intimamente ligados aos avanços feitos na literatura durante o Império do Meio, houve mudanças na religião. Embora os diferentes aspectos da cultura egípcia operassem em diferentes esferas, havia uma sobreposição definida, e um dos aspectos da antiga religião egípcia que muitas pessoas modernas têm dificuldade em entender é sua aparente falta de moralidade em qualquer um dos textos. As três principais cosmogonias do Egito não oferecem lições reais de moralidade, e os incontáveis textos religiosos que dizem respeito à vida após a morte também são desprovidos de moralidade em sua maior parte. A antiga religião egípcia, como a maioria das religiões da era da Idade do Bronze, estava mais focada em rituais e em como realizar corretamente os ritos para um resultado benéfico, mas isso não quer dizer que a sociedade egípcia estivesse desprovida de moralidade. De fato, a moralidade dos antigos egípcios é evidente para quem lê os numerosos contos da prosa do Reino Médio, que geralmente têm um aspecto didático.

Um dos melhores exemplos da moralidade egípcia encontrada na prosa foi a história do Reino do Meio, conhecida hoje como "O Conto do Camponês Eloqüente". Na história, um camponês honesto chamado Khunanup é roubado por um nobre ganancioso chamado Nemtynakht, então o camponês busca reparação no sistema judiciário egípcio. O camponês é chamado de volta aos tribunais repetidas vezes, principalmente porque o rei está tão intrigado com o discurso loquaz do camponês de baixa natalidade e com uma aguçada percepção da ética e da moralidade. Por fim, o rei governa a favor do camponês: “Um preguiçoso não tem ontem, um surdo à justiça não tem amigo; o ganancioso não tem férias. Quando o acusador é um desgraçado e o miserável se torna um defensor, seu oponente é um assassino. Aqui eu tenho implorado a você, e você não escutou isso. Eu irei contigo a Anúbis! Então o alto mordomo Rensi, o filho de Meru, enviou dois guardas para trazê-lo de

volta. Então, esse camponês ficou com medo, achando que foi feito para puni-lo por esse discurso que fizera. . . Então o alto mordomo Rensi, o filho de Meru, enviou dois guardas para trazer Nemtynakht de volta. Ele foi trazido e um relatório foi feito de [toda a sua propriedade] ----- seu trigo, sua cevada, seu burro, -----, seus porcos, seu pequeno gado --- ---. ---- deste Nemtynakht [foi dado] a este camponês. ”(Lichtheim 2006, 182)Essencialmente, a história ensina que todo homem, não importa sua posição na vida, tem direito ao respeito e proteção do faraó.

Esse tipo de moralidade, que incluía os egípcios de todas as classes, era um reflexo de outras mudanças que estavam ocorrendo na sociedade egípcia durante o Império do Meio, especialmente no campo da religião. Uma das maiores mudanças na religião egípcia que ocorreu durante o Império do Oriente foi o surgimento do que os estudiosos modernos denominaram de “democratização” da religião - ou seja, a vida após a morte. Uma das maneiras mais tangíveis em que a religião egípcia se tornou mais democratizada durante o Império do Meio foi que a vida após a morte se tornou mais acessível aos não-reis. Durante o Antigo Império, os reis falecidos foram enterrados em pirâmides que tinham inscrições escritas nas paredes e tetos. Conhecido como "Pyramid Texts", eles eram essencialmente uma coleção de feitiços destinados a ajudar a transição do rei para a vida após a morte. A vida após a morte não foi tecnicamente fechada para outros egípcios, mas não saber os feitiços corretos em uma religião baseada em rituais significava que ela não estava disponível para a maioria.

No entanto, no Reino do Meio, os não-membros da realeza começaram a inscrever uma série de textos em seus caixões que são hoje conhecidos como “Textos do Caixão”. Os textos de caixão foram uma combinação de alguns dos textos de pirâmide, juntamente com algumas novas composições que foram destinadas a ajudar o falecido efetivamente transição para a vida após a morte (Callender 2000, 180). Foi também durante esse tempo que a arte da mumificação também se tornou mais difundida, embora a qualidade do processo fosse considerada inferior à do Antigo e do Novo Reino (Callender 2000, 182).

A democratização da vida após a morte estava intimamente ligada à ascensão do deus Osíris como a divindade suprema no panteão egípcio durante o Império do Meio. Osiris, o deus dos mortos, não era uma divindade

obscura antes do Império do Meio, mas uma combinação da democratização da vida após a morte, que era seu domínio e alcance, com o patrocínio real fez dele extremamente importante durante o período. Em um nível mais popular, a importância de Osíris é melhor refletida em uma composição literária conhecida como O Hino a Osíris. Parte do hino lê:

“Salve, Osiris, filho de Nut!

Dois chifres, altos de coroa,

Dada coroa e alegria diante dos nove deuses.

Cujo admiração Atum se estabeleceu no coração dos homens, deuses, espíritos e mortos.

Que governo foi dado em On;

Grande presença em Djedu,

Senhor do medo em dois montes;

Grande de terror em Rostau.

Senhor de admiração em Hnes.

Senhor do poder em Tenent,

Grande de amor na terra;

Senhor da fama no palácio,

Grande de glória em Abydos;

Quem triunfo foi dado antes dos Nove Deuses reunidos. . .

Tal é Osiris, rei dos deuses,

Grande poder do céu,

Regente dos vivos

Rei daqueles que abençoam em Kher-aha

Quem a humanidade exalta em On;

Quem é dono da escolha de cortes em Houses-on-High,

Para quem o sacrifício é feito em Memphis.(Lichtheim 2006, 203)

Osíris tornou-se verdadeiramente um deus "popular" durante o Império do Meio, o que pode levar as pessoas a pensar que sua elevação no panteão egípcio veio de baixo para cima, mas evidências arqueológicas sugerem que a tendência foi iniciada pelos primeiros reis do Oriente Médio. Reino. O complexo de culto real de Mentuhotep II, localizado na margem oeste do rio Nilo, em frente a Tebas, perto da moderna aldeia de Deir el-Bahri, divergiu significativamente em estilo e iconografia dos seus antecessores do Antigo Império. Em vez de construir uma tumba simples, como as que eram comuns em Tebas durante o tempo, a tumba de Mentuhotep II era parte de um complexo de templo muito maior e grandioso que incluía um grande salão de 82 pilares octogonais (Arnold 1999, 74). Ainda mais importante do que as características arquitetônicas eram as referências à importância de Osíris nos relevos das paredes e inscrições de dentro do templo. Nos relevos e inscrições, Osíris assume uma posição importante, se não central, entre as divindades do panteão (Callender 2000, 153).

O patronato de Osíris e seu culto que começou com Mentuhotep II foi fielmente seguido pela maioria dos outros reis do Império do Meio. Segundo as antigas religiões egípcias, acreditava-se que a cidade de Abidos era a morada terrena de Osíris e, portanto, tornou-se seu centro de culto (Shaw e Nicholson, 1995, p. 13). Um templo dedicado a Osíris foi finalmente construído em Abidos, e todos os reis da Décima Segunda Dinastia patrocinaram o complexo e o deus dos mortos (Callender 2000, 179).

A culminação do patrocínio do rei Osíris pelo rei do Reino Médio e sua permanência em Abidos ocorreu quando Senusret III construiu uma tumba no templo. Como mencionado acima, Senusret III construiu uma pirâmide para seu túmulo perto de Dashur, mas ele mudou suas operações para Abydos, e desde que a tumba de Abydos foi construída depois da pirâmide de Dashur, historiadores acreditam que Senusret III foi enterrado em Abidos, embora o rei a múmia não foi recuperada (Arnold 1999, 80).

Embora os reis da Décima Segunda Dinastia antes de Senusret III patrocinassem Osíris, ele foi o primeiro rei do Reino Médio a fazer melhorias significativas no templo de Abidos (Arnold 1999, 80). O túmulo de Senusret III em Abidos é bastante extenso: ele se estende por uma área de

quase 3.000 pés que inclui uma tumba subterrânea e um templo mortuário à beira do deserto (Lehner 2001, 178). Há evidências de que o rei continuou a ser adorado como um deus em Abidos por 200 anos após sua morte (Lehner 2001, 178).

Junto com os reis que patrocinaram Osíris e seu templo em Abidos, numerosas elites não-régios também dedicaram seus recursos para manter e melhorar o templo. Em particular, essas elites construiriam pequenas capelas comemorativas perto da entrada do templo de Osíris, mas esta prática acabou quando o Império do Meio entrou em colapso (Robins 2000, 105).

Outro aspecto da cultura do Reino Médio que vale a pena considerar é a mudança que ocorreu nas várias artes físicas, especialmente a estatuária real. Quando Mentuhotep II unificou vigorosamente o Egito nos últimos estágios de seu reinado, o rei conscientemente mudou os estilos artísticos de volta para o que era popular nas Quinta e Sexta Dinastias (Robins 2000, 90). O historiador Gay Robins acredita que o movimento teve base política e pretendia demonstrar continuidade com um período inicial mais estável (Robins 2000, 90).

Alguns excelentes exemplos de estátuas do Império Médio foram recuperados do templo de Mentuhotep II em Deir el-Bahri, mas os melhores exemplos da estatuária real do Reino Médio vêm da Décima Segunda Dinastia, especialmente durante os reinos de Senusret III e Amenemhat III (Robins 2000, 93- 94). A maioria das estátuas destes dois reis foram inicialmente abrigadas em seus complexos de templos em Dashur, Hawara e Abydos, com outros exemplos sendo descobertos no templo de Mentuhotep II em Deir el-Bahri (Robins 2000, 112-13). As estátuas de Senusret III e Amenemhat III são facilmente reconhecíveis por alguém com um conhecimento superficial da arte egípcia antiga; em vez do olhar genérico e idealizado visto nas estátuas dos reis do início do Império do Meio, as estátuas de Senusret III e Amenemhat III são personalizadas até certo ponto. Senusret III é geralmente representado com um olhar severo, às vezes até com uma carranca (Robins 2000, 113). As estátuas de Amenemhat III também mostram o rei de uma maneira mais personalizada, a saber, com orelhas grandes como seu pai, embora as diferenças entre os dois possam ser claramente discernidas (Robins 2000, 113).



**A foto de Manfred Werner de um busto de Amenemhat III**



**Foto de I George Shuklin de uma estátua de Amenemhat III**

## **O Colapso do Reino Médio**

As guerras de conquista, o acúmulo de riqueza material, as mudanças religiosas e os avanços nas artes e na literatura fizeram do Reino Médio do Egito um dos maiores períodos da história do antigo Oriente Próximo, mas infelizmente para os egípcios o reino entraria em colapso. e o país cairia em desunião mais uma vez. O colapso do Reino do Meio introduziu o Segundo Período Intermediário e outro intervalo de regras descentralizadas.

Houve uma série de fatores que mergulharam o Egito em desunião, mais notavelmente a regra extremamente longa de Senusret III. A longa regra de um rei pode muitas vezes trazer estabilidade e riqueza para o reino do monarca, mas muitas vezes sobrevivem aos seus sucessores, e se seus sucessores viverem para assumir o trono, eles geralmente são velhos e seus sucessores podem estar mortos ou não claramente estabelecidos. Esse problema ocorreu perto do fim do Antigo Império durante o reinado de Pepy II, e parece ter se repetido com o reinado de Senusret III. Embora o sucessor de Senusret III, seu filho e co-regente, fosse um governante capaz por si mesmo, ele não foi capaz de duplicar o sucesso de Senusret III, e a Décima Segunda Dinastia logo terminou logo depois.

Estudiosos modernos geralmente consideram que a primeira metade da Décima Terceira Dinastia está incluída no Reino do Meio, mas havia sinais claros de que a dinastia e o Reino do Meio estavam à beira do colapso. Poucos documentos da Décima Terceira Dinastia existem, o que é um sinal claro da situação política degradante (Breasted 2001, 1: 339). Uma inscrição de Coptos, atribuída a um rei da Décima Terceira Dinastia chamado Intef, documenta como um potentado egípcio regional chamado Teti foi pego fazendo uma “coisa má” no templo de Min. Em sua tradução do texto, o historiador James Henry Breasted explicou que a "coisa má" era a rebelião, e que Teit era provavelmente apenas um dos muitos potentados que tentaram usurpar a coroa durante este período (Breasted 2001, 1: 339). Parte da inscrição diz: “Ano 3, terceiro mês da segunda temporada, dia 25, sob a majestade do Rei do Alto e do Baixo Egito, Nubkheprure, Filho de Re, Intef, que recebe vida, como Re, para sempre. Eis que vos é apresentado este decreto, para vos fazer saber: que a minha majestade, a vida, a prosperidade e a saúde enviaram o escriba do tesouro amedrontado de Amon, Siamun e

[ ] Amenusere, para fazerem uma inspeção. no templo de Min; e que eles estavam no sacerdócio do templo de meu pai, Min, aplicado a minha majestade, vida, prosperidade e saúde, dizendo: 'Uma coisa má está prestes a acontecer neste templo. Inimigos foram [agitados] por, uma maldição ao seu nome! Teit, filho de Minhotep. '”(Breasted 2001, 1: 340).

Alguns dos reis da Décima Terceira Dinastia estão listados na lista de reis de Turim, mas o número não é conhecido com certeza. Os fragmentos 38 e 39 de Manopho, na lista de Aegyptia, listam 60 reis de Tebas. Com base na lista de Manetho, A6 e na lista do Cânone de Turim, estudiosos modernos estimam que os reis da Décima Terceira Dinastia governaram por uma média de três anos cada, por um período combinado de 150 anos (Grajetzki 2006, 63). O curto período de domínio, combinado com a falta de evidências textuais da dinastia, mostra claramente que a Décima Terceira Dinastia estava em queda livre mesmo antes de seu colapso total.

No final da Décima Terceira Dinastia, uma nova dinastia, conhecida pelos estudiosos modernos como a Décima Quarta Dinastia, havia se formado. A Décima Quarta Dinastia foi contemporânea com a Décima Terceira (Grajetzki 2006, 63). Por fim, a Décima Quinta Dinastia foi estabelecida no Delta pelo povo hicsu estrangeiro, e a unidade do Egito desapareceria até o alvorecer do Novo Reino (Grajetzki 2006, 63).

## **Fontes da Web**

[Outros livros sobre história antiga por Charles River Editors](#)

[Outros livros sobre o Antigo Egito na Amazon](#)

## **Bibliografia**

### **Velho Império**

Bothmer, Bernard V. 1969. *Egyptian Sculpture of the Late Period: 700 B.C. to A.D. 100*. New York: Arno Press Incorporated.

Burnett, Charles. 2003. "Images of Ancient Egypt in the Latin Middle Ages." In *The Wisdom of Egypt: Changing Visions through the Ages*, edited by Peter Ucko and Timothy Champion, 65-100. London: University College London Press.

Diodorus Siculus. 2004. *The Library of History*. Translated by C.H. Oldfather. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

Faulkner, Richard O, trans. 2007. *The Ancient Egyptian Pyramid Texts*. Stilwell, Kansas: Digireads.com Publishing.

Frankfort, Henri. 1973. *Kingship and the Gods: A Study of Ancient Near Eastern Religion as the Integration of Society and Nature*. Chicago: University of Chicago Press.

Herodotus. 2003. *The Histories*. Translated by Aubrey de Sélincourt. London: Penguin Books.

Kemp, Barry J. 2004. "Old Kingdom, Middle Kingdom and Second Intermediate Period." In *Ancient Egypt: A Social History*, edited by Bruce G. Trigger, Barry J. Kemp, David O'Connor, and Alan B. Lloyd, 71-182. Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press.

Kitchen, Kenneth A. 2003. *On the Reliability of the Old Testament*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans.

Krebsbach, Jared. 2014. "Herodotus, Diodorus, and Manetho: An Examination of the Influence of Egyptian Historiography on the Classical Historians." *New England Classical Journal* 41: 88-112.

Kuhrt, Amélie. 2010. *The Ancient Near East: c. 3000-330 BCE*. 2 vols. London: Routledge.

Lehner, Mark. 2001. *The Complete Pyramids: Solving the Ancient Mysteries*. London: Thames and Hudson.

Lichtheim, Miriam, ed. 2006. *Ancient Egyptian Literature*. Vol. 1, *The Old and Middle Kingdoms*. Los Angeles: University of California Press.

Malek, Jaromir. 2000. "The Old Kingdom (c. 2686-2125 BCE)." In *The Oxford History of Ancient Egypt*, edited by Ian Shaw, 89-117. Oxford: Oxford University Press.

Manetho. 2004. *Aegyptiaca*. Translated by W. G. Waddell. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

Naguib, Kanawati. 2003. *Conspiracies in the Egyptian Palace: Unis to Pepy I*. London: Routledge, 2003.

———. 1990. "Saqqara Excavations She New Light on Old Kingdom History." *Bulletin of the Australian Centre for Egyptology* 1 (1990): 55-67.

Robins, Gay. 2000. *The Art of Ancient Egypt*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

Shaw, Ian and Paul Nicholson. 1995. *The Dictionary of Ancient Egypt*. New York: Harry N. Abrams.

Trigger, Bruce G. 2004. "The Rise of Egyptian Civilization." In *Ancient Egypt: A Social History*, edited by Bruce G. Trigger, Barry J. Kemp, David O'Connor, and Alan B. Lloyd, 1-70. Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press.

Wilkinson, Richard H. 2003. *The Complete Gods and Goddesses of Ancient Egypt*. London: Thames and Hudson.

### **Imério Médio**

Allen, James. 2006. *Middle Egyptian: An Introduction to the Language and Culture of Hieroglyphs*. Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press.

Arnold, Dieter. 1997. "Royal Cult Complexes of the Old and Middle Kingdoms." In *Temples and Tombs of Ancient Egypt*, edited by

Byron E. Shafer, 31-85. Ithaca, New York: Cornell University Press.

Breasted, James Henry, ed. and trans. 2001. *Ancient Records of Egypt*. 4 Vols. Champaign, Illinois: University of Illinois Press.

Callender, Gae. "The Middle Kingdom Renaissance (c. 2055-1650 BCE)." In *The Oxford History of Ancient Egypt*, edited by Ian Shaw, 148-183. Oxford: Oxford University Press.

Diodorus Siculus. 2004. *The Library of History*. Translated by C.H. Oldfather. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

Faulkner, Richard O. 1999. *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*. Oxford: Griffith Institute.

Grajetzki, Wolfram. 2009. *The Middle Kingdom of Ancient Egypt*. London: Duckworth.

Herodotus. 2003. *The Histories*. Translated by Aubrey de Séincourt. London: Penguin Books.

Kitchen, Kenneth A. 2003. *On the Reliability of the Old Testament*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans.

Krebsbach, Jared. 2014. "Herodotus, Diodorus, and Manetho: An Examination of the Influence of Egyptian Historiography on the Classical Historians." *New England Classical Journal* 41: 88-112.

Kuhrt, Amélie. 2010. *The Ancient Near East: c. 3000-330 BCE*. 2 vols. London: Routledge.

Lehner, Mark. 2001. *The Complete Pyramids: Solving the Ancient Mysteries*. London: Thames and Hudson.

Lichtheim, Miriam, ed. 2006. *Ancient Egyptian Literature*. Vol. 1, *The Old and Middle Kingdoms*. Los Angeles: University of California Press.

Manetho. 2004. *Aegyptiaca*. Translated by W. G. Waddell. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

Robins, Gay. 2000. *The Art of Ancient Egypt*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

Shaw, Ian and Paul Nicholson. 1995. *The Dictionary of Ancient Egypt*. New York: Harry N. Abrams.

Spalinger, Anthony J. 2005. *War in Ancient Egypt: The New Kingdom*. London: Blackwell.

Strabo. 2001. *Geography*. Translated by Horace Leonard Jones. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

### **Novo Império**

Bell, Lanny. 1997. "The New Kingdom 'Divine' Temple: The Example of Luxor." In *Temples of Ancient Egypt*, edited by Byron E. Shaffer, 127-184. Ithaca, New York: Cornell University Press.

Breasted, James Henry, ed. and trans. 2001. *Ancient Records of Egypt*. 4 Vols. Champaign, Illinois: University of Illinois Press.

Bryan, Betsy M. 2000. "The 18<sup>th</sup> Dynasty before the Amarna Period (c. 1550-1352 BCE)." In *The Oxford History of Ancient Egypt*, edited by Ian Shaw, 218-271. Oxford: Oxford University Press.

Cochavi-Rainey, Zipora, trans and ed. 1999. *Royal Gifts in the Late Bronze Age Fourteenth to Thirteenth Centuries B.C.E.: Selected Texts Recording Gifts to Royal Personages*. Jerusalem: Ben-Gurion University of the Negev Press.

Dijk, Jacobus van. 2000. "The Amarna Period and the Later New Kingdom." In *The Oxford History of Ancient Egypt*, edited by Ian Shaw, 272-313. Oxford: Oxford University Press.

Diodorus Siculus. 2004. *The Library of History*. Translated by C.H. Oldfather. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

Haeny, Gerhard. 1997. "New Kingdom 'Mortuary Temples' and 'Mansions of Millions of Years.'" In *Temples of Ancient Egypt*, edited by Byron E. Shaffer, 86-126. Ithaca, New York: Cornell University Press.

Herodotus. 2003. *The Histories*. Translated by Aubrey de Séincourt. London: Penguin Books.

Kitchen, Kenneth A. 2003. *On the Reliability of the Old Testament*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans.

Krebsbach, Jared. 2014. "Herodotus, Diodorus, and Manetho: An Examination of the Influence of Egyptian Historiography on the Classical Historians." *New England Classical Journal* 41:88-112.

Kuhrt, Amélie. 2010. *The Ancient Near East: c. 3000-330 BCE*. 2 vols. London: Routledge.

Lichtheim, Miriam, ed. 1976. *Ancient Egyptian Literature: A Book of Reading*. Vol. 2, *The New Kingdom*. Los Angeles: University of California Press.

Manetho. 2004. *Aegyptiaca*. Translated by W. G. Waddell. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

Mieroop, Marc van de. 2007. *A History of the Ancient Near East: ca. 3000-323 BCE*. 2<sup>nd</sup> ed. London: Blackwell.

Murnane, William J. trans. 1995. *Texts from the Amarna Period in Egypt*. Atlanta: Scholars Press.

Pritchard, James B, ed. 1992. *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*. 3<sup>rd</sup> ed. Princeton, New Jersey: Princeton University Press.

Redford, Donald B. 1992. *Egypt, Canaan, and Israel in Ancient Times*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press.

———. 1987. *Akhenaten: The Heretic King*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press.

Robins, Gay. 2000. *The Art of Ancient Egypt*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

Shaw, Ian and Paul Nicholson. 1995. *The Dictionary of Ancient Egypt*. New York: Harry N. Abrams.

Spalinger, Anthony J. 2005. *War in Ancient Egypt: The New Kingdom*. London: Blackwell.

Wainwright, G.A. 1962. "The Meshwesh." *Journal of Egyptian Archaeology* 48: 89-99.

Wilkinson, Richard H. 2003. *The Complete Gods and Goddesses of Ancient Egypt*. London: Thames and Hudson.

### **Reino Ptolomaico**

Arrian. 1971. *The Campaigns of Alexander*. Translated by Aubrey de Sélincourt. London: Penguin Books.

Bowman, Alan K. 1996. *Egypt after the Pharaohs: 332 BC-AD 642 from Alexander to the Arab Conquest*. Los Angeles: University of California Press.

Bryce, Trevor. 2014. *Ancient Syria: A Three Thousand Year History*. Oxford: Oxford University Press.

Caesar, Julius. 2006. *The Civil Wars*. Translated by A.G. Peskett. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

Cassius Dio. 1954. *Roman History*. Translated by Earnest Cary. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

Casson, Lionel. 2001. *Libraries in the Ancient World*. New Haven, Connecticut: Yale University Press.

Chauveau, Michael. *Egypt in the Age of Cleopatra: History and Society under the Ptolemies*. Translated by David Lorton. Ithaca, New York: Cornell University Press, 2000.

Diodorus Siculus. 2004. *The Library of History*. Translated by C.H. Oldfather. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

Heller-Roazen, Daniel. 2002. "Tradition's Destruction: On the Library of Alexandria." *October Magazine* 100: 133-153.

Lloyd, Alan B. 2000. "The Ptolemaic Period (332-30 BC)." In *The Oxford History of Ancient Egypt*, edited by Ian Shaw, 395-421. Oxford: Oxford University Press.

Manetho. 2004. *Aegyptiaca*. Translated by W. G. Waddell. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

Plutarch. 1968. *Lives*. Edited and translated by Bernadotte Perrin.  
Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

Polybius. 1960. *The Histories*. Translated by W.R. Paton. Cambridge,  
Massachusetts: Harvard University Press.

Price, Simon. 2001. "The History of the Hellenistic Period." In *The Oxford History of Greece and the Hellenistic World*, edited by John Boardman, Jasper Griffin, and Oswyn Murray, 364-389. Oxford: Oxford University Press.

Runia, David T. 1989. "Polis and Megalopolis: Philo and the Founding of Alexandria." *Mnemosyne* 42: 398-412.

Scheidel, Walter. 2004. "Creating a Metropolis: A Comparative Demographic Perspective." In *Ancient Alexandria between Egypt and Greece*, edited by W.V. Harris and Giovanni Ruffini, 1-32. Leiden: Brill.

Shaw, Ian and Paul Nicholson. 1995. *The Dictionary of Ancient Egypt*. New York: Harry N. Abrams.

Strabo. 2001. *Geography*. Translated by Horace Leonard Jones. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

Verbrugge, Gerald P. and John M. Wickersham. 2001. *Berosos and Manetho, Introduced and Translated: Native traditions in Ancient Mesopotamia and Egypt*. Ann Arbor: University of Michigan Press.



## **Livros Gratuitos da Charles River Editors**

Temos diversos títulos totalmente gratuitos todos os dias. Para ver os títulos gratuitos disponíveis no momento, [clique neste link](#).

## **Livros com Descontos Especiais da Charles River Editors**

Temos títulos com descontos especiais no valor de apenas 99 centavos todos os dias! Veja os títulos disponíveis com este desconto, [clique neste link](#).